

NEUZA ITIOKA

ENCARNANDO A PALAVRA LIBERTADORA

Um breve histórico da Aliança Bíblica Universitária do Brasil

ABU Editora S.C.
Caixa Postal 30505
01000 - São Paulo - SP

ENCARNANDO A PALAVRA LIBERTADORA - 1ª EDIÇÃO

Copyright © 1981, Neuza Itioka
Copyright © 1981, ABU Editora S.C.

Todos os direitos reservados pela
ABU Editora S.C.
Caixa Postal 30505
01000 - São Paulo - SP
1ª Edição: 1981

Texto idêntico ao livro da 1ª. edição; digitada, impressa e
distribuída pela Aliança Bíblica Universitária do Brasil — Região
Centro-Oeste — com permissão da ABU Editora S.C.

Novembro de 1994

Digitação: Grupo-Base da ABU de Brasília
Coordenação: Carluci dos Santos
Editoração eletrônica: Timóteo Hiroki Kaji

Texto não submetido a correção ortográfica e lingüística

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

1. ANTES DE CHEGAR AO BRASIL

2. CHAMADOS A COMEÇAR (1957 a 1965)

O Campo e Robert Young
Ruth Siemens e o Nascimento da ABUB
O Ambiente Universitário

3. CHAMADOS A ORGANIZAR (1966 a 1970)

Enviando e Recebendo
Planejando Treinamento
Recrutando Novos Obreiros
Estabelecendo Contatos
Buscando Equilíbrio
Colhendo Frutos

4. CHAMADOS A DEFINIR

Melhorando o Treinamento
Enfrentando Problemas
Recebendo Ajuda
O IPL de Souza
Afiando Ferro com Ferro

5. CHAMADOS A EXPANDIR

Novos Modelos, Novos Administradores
Uma Mulher na Secretaria
Grupos Aqui e Acolá
Eis-nos Aqui para o Ministério Estudantil
Atividades Duplicadas
A Pretensa Autoctonia
Novos Ventos
Literatura é Também um Ministério
Treinando Também para Assessores

Veja só... É um Relatório

Os Secundaristas se Movimentam

Eles se Foram, Deixando Saudades

Preparando o Sonhado Congresso Missionário

A Perspectiva da Saída de Neusa

O Primeiro Congresso Missionário (Curitiba, 1976)

Conclusão

Bases de Fé da Aliança Bíblica Universitária do Brasil

Notas

1.

APRESENTAÇÃO

Quando deixei a Secretaria Executiva da Aliança Bíblica Universitária do Brasil, depois de ter trabalhado dez anos no Movimento, me foi pedido escrever um histórico do mesmo. Em 1976 tentei ensaiar alguma coisa nesse sentido, e o material que produzi foi submetido à apreciação dos obreiros no Curso de Assessores em Julho de 1977. Recebi muitas críticas, observações e sugestões. Recentemente recebi o pedido de revisar aquele material, em tempo para constituir leitura prévia para o Congresso de 1982 da ABUB. Dentro da pressão de tempo de um mês e meio, fui forçada a trabalhar baseada naquele primeiro esboço. Mas usei muito mais os meus relatórios mensais, semestrais e anuais, bem como, as minhas cartas aos assessores, diretores e presidentes de grupos. Esse era o material de que eu dispunha. Usei alguns trechos de Alcance, bem como de Entre-Nós, boletins informativos da época.

Ainda a recordação, a memória, desempenhou um papel importante na consolidação de muitos fatos. Creio que, estando envolvida na obra estudantil, é possível que eu tenha cometido justiça e injustiças com respeito ao que vi, percebi, discerni e interpretei. Há muita emoção... pois eu o vivi.

Portanto, peço desculpas aos meus leitores por não poder oferecer algo um pouco mais científico, ou objetivo, se assim podemos dizer.

O que tentei colocar no papel é a história de algumas gerações de estudantes que captaram uma visão de levar a mensagem de Jesus Cristo na sua simplicidade aos colegas dentro da universidade. Não foi fácil. Muita coisa foi feita na base do ensaio e do erro, mas com muita confiança em Deus.

Muita oração, muito entusiasmo, muitas lágrimas, muita alegria, muita infantilidade...

Mas o que constatamos é que Deus é fiel, apesar de tudo e de todos; apesar da nossa fraqueza, da nossa pequenez, ele faz a sua obra e faz questão de glorificar o seu Nome.

Uma visão nos foi transmitida, e ficamos obcecados em passá-la à frente. Oh! Santa Obsessão!

Neuza Itioka

1. ANTES DE CHEGAR AO BRASIL

A Aliança Bíblica Universitária do Brasil é o resultado de esforços e da teimosia de um punhado de gente que captou uma visão e que se dispôs a levá-la adiante. Essa visão poderia parecer ilusória e impossível de ser realizada, mas brotava dos corações que estavam afinados com a própria paixão que estava no coração de Deus: alcançar o mundo perdido com o seu amor, chamar os pagãos ao arrependimento, através de juventude estudantil.

Poderíamos tomar como ponto de referência o fim do século XIX e o início deste século como o momento de início do movimento dos estudantes na Inglaterra que deu origem à Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos, da qual faz parte a Aliança Bíblica Universitária do Brasil. Como resultado do avivamento espiritual que sacudiu a Inglaterra nos anos de 1860 a 1880, e como fruto do ministério dinâmico do pastor anglicano Charles Simeon, os universitários começaram a se reunir nas dependências das escolas para estudar a Bíblia e levar adiante a mensagem evangélica aos seus colegas. Esse trabalho se desenvolveu de tal forma a se organizar com o nome de Cambridge Inter-Collegiate Christian Union (CICCU), formado por estudantes, como diz o nome, da Universidade de Cambridge, Inglaterra¹. A data oficial do movimento, assim fundado, foi 1877.

Não podemos deixar de citar que, já antes da Reforma, o Espírito de Deus atuava de modo extraordinário no meio dos estudantes em Cambridge, em 1516. Naquela mesma universidade, um grupo de estudantes liderados por Thomas Bilney, leu o Novo Testamento e experimentou a conversão. Estes, mais tarde, tiveram o privilégio de dar as suas vidas como mártires pela fé evangélica, participando da Reforma da sua Igreja, na sua terra.

A Noruega foi um país escolhido por Deus para um acontecimento evangélico nas universidades, como repercussão do movimento pietista, gerado na Alemanha, de Hans Nielsen Hauge (1771-1824). Esse poderoso pregador expunha a Palavra de Deus sem ter sido reconhecido oficialmente pela Igreja Luterana e, por isso, teve de passar um tempo dentro da prisão. Mas ele foi um

instrumento nas mãos de Deus para influenciar e forjar uma geração de evangélicos noruegueses, dentre eles homens como Ole Hallesby, que marcou época no movimento evangélico estudantil com a sua vida, ensino e ministério. Ele patrocinou conferências internacionais que não apenas influenciaram a Europa, mas também outras nações. O desenrolar delas culminou na reunião de Harvard, onde nasceu a Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos, em 1947².

Este movimento também é resultado de entrecruzamentos de diversos movimentos juvenis missionários como a Associação Cristã de Moços, o Movimento Estudantil Cristão e o Movimento Estudantil Voluntários, os quais apareceram nos fins do século passado, como instrumentos de Deus para o crescimento e avanço da igreja. E, com estes, não se pode deixar de citar a influência de homens como Dwight L. Moody, o famoso evangelista americano do século passado; John R. Mott, talvez a figura cristã mais influente neste período (1880-1930) pela sua atuação na ACM; e Robert Wilder, um grande apaixonado pela obra missionária, ativo no Movimento Estudantil Voluntários. Estes movimentos e pessoas marcaram presença na formação da igreja protestante em nosso século, bem como na vida universitária dos discípulos espalhados em vários centros de estudos superiores³.

O grupo de Cambridge, ou seja, a CICCU, se evidenciou, com diversos grupos espalhados por toda a Inglaterra e outros países, mantendo a fidelidade às doutrinas básicas da Bíblia, quando o movimento nacional dos estudantes evangélicos, conhecidos como Student Christian Movement, membro da Federação Mundial de Estudantes Cristãos, começou a demonstrar evidências do abandono das convicções evangélicas: no eclesiástico e litúrgico imitando o católico, e no intelectual, os protestantes liberais. Paulatinamente os conservadores estavam sendo afastados, a Bíblia sendo substituída pela Teologia Moderna, a oração sendo substituída pela liturgia formalista e quase morta. A resistência de Cambridge, onde os estudantes questionavam essas tendências do Student Christian Movement, já era articulada desde 1904. A CICCU nunca esteve vinculada significativamente ao movimento

nacional (SCM); com todos esses conflitos, o grupo de Cambridge se separou do movimento nacional britânico.

Em meio à onda da teologia liberal, depois da primeira guerra mundial, não era fácil manter aquela posição tomada pela CICCUC. Fizeram-se várias tentativas para fazer filiar a CICCUC ao movimento nacional, mas a CICCUC não cedeu e, depois de muitas conversas e negociações, os representantes da CICCUC fizeram uma pergunta direta e vital: “Considera a SCM o sangue de Jesus Cristo como o ponto central da nossa mensagem?” veio a resposta: “Não, não é central, ainda que lidamos lugar em nosso ensino”. Disse Norman Grubb: “Esta resposta definiu a questão, por que então podemos lhes explicar que, para nós, o sangue expiatório de Jesus Cristo é o coração da mensagem, e nunca poderíamos nos unir a um movimento que lhe desse um lugar secundário⁴.”

O movimento de Cambridge (CICCUC) permaneceu intransigente nessas questões fundamentais e acabou atraindo para a sua posição inúmeros grupos que estavam se decepcionando com o Student Christian Movement (SCM) e com a Federação Mundial de Estudantes Cristãos, os quais cada vez mais perdiam a sua ênfase nas orações diárias, na conversão pessoal e no espírito missionário. Por outro lado, a CICCUC acabou formando um movimento nacional paralelo ao SCM, movimento esse que chamou Intervarsity Fellowship of Evangelical Unions, em 1928.

A Intervarsity Fellowship of Evangelical Unions, fiel à sua visão missionária, enviou Howard Guinness como primeiro missionário ao Canadá. Para comprar sua passagem, os estudantes ingleses levantaram uma oferta de amor vendendo livros e bicicletas. No Canadá, Guinness verificou que de fato Deus havia preparado o seu caminho para a sua visita. A lenha estava empilhada, só faltava a fâsca para ascender o fogo. Os grupos de estudantes evangélicos desejosos de estudar a Bíblia surgiam nas universidades, da noite para o dia. Apesar dos estudantes ingleses admitirem que a visita de Guinness tenha sido uma fâsca que deu lugar ao incêndio no Canadá, eles sabiam que a Intervarsity Christian Fellowship do Canadá era obra do Espírito Santo⁵.

O movimento também se alastrou até os Estados Unidos com a iniciativa de Stacey Woods que, obedecendo à visão missionária de não se conformar com as fronteiras do país, começou o testemunho estudantil nas terras das universidades norte-americanas, desde 1939. A Intervarsity Christian Fellowship nos Estados Unidos também não demorou para se formar e solidificar.

O movimento estudantil aparecia também na Alemanha, e os grupos escandinavos mantinham o movimento estudantil vivo, graças à fidelidade do movimento norueguês.

Pouco antes da II Grande Guerra estourar, realizou-se uma conferência Internacional de Estudantes Evangélicos que vinham se repetindo desde 1934. E, em julho de 1939, em Cambridge, reuniram-se cerca de 800 estudantes representando 33 países, com o tema: “Cristo, a nossa liberdade”. Todos os presentes tinham consciência da gravidade do momento que o mundo atravessava. Poucos dias depois a Guerra irrompeu, interrompendo as conferências anuais. Em 1946, a comissão organizadora da conferência se reuniu em Oxford, e verificou que o movimento havia surgido em vários países.

Conforme o movimento se alastrava em vários países, ele demonstrava as mesmas características de iniciativa estudantil e de rápido crescimento. Os missionários e líderes das igrejas evangélicas da China, por exemplo, observavam, com surpresa agradável, o surgimento e o crescimento da Intervarsity Christian Fellowship da China. O Espírito de Deus movia em vários lugares, despertando estudantes universitários e professores para estabelecerem o movimento estudantil.

O tipo de organização dos movimentos varia de país a país. Não havia um molde rígido de organização que deveria ser copiado. A mensagem e os propósitos permaneciam os mesmos, mas os grupos autônomos em cada país eram guiados por Deus para criar modelos e métodos de acordo com as circunstâncias e necessidades de seu país⁶.

Voltando a Oxford, a comissão organizadora da conferência internacional reuniu-se por um dia e avaliou a situação mundial do movimento estudantil e a sua história. Nessa reunião aceitou o

convite norte-americano de se reunir em 1947 na Universidade de Harvard, a fim de dar ao movimento internacional uma forma mais permanente à que tinha até então. Assim diz Samuel Escobar: “No fim de agosto de 1947, na Universidade de Harvard, em Cambridge, Massachusetts, o acordo unânime das delegações estudantis ali presentes foi o de prosseguir com a formação de uma Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos, e assim se fez. Uma história de séculos de convicções e de iniciativa, motivadas pelo desejo de anunciar a mensagem de Jesus Cristo e vivê-las nas classes universitárias, convergia na formação da Comunidade . A declaração, o propósito e as Bases de Fé, aprovadas em Harvard, refletem a vontade expressa dos delegados ali reunidos de não permitir que a falta de previsão ao forjar um Estatuto viesse a dar lugar aos desvios que sempre acontecem no momento de cansaço das gerações”⁷.

2. CHAMADOS A COMEÇAR (1957 A 1965)

O CAMPO E ROBERT YOUNG

O início da história da Aliança Bíblica Universitária do Brasil está vinculada aos nomes de Robert Young, assessor da Intervarsity Christian Fellowship dos Estados Unidos, que passou alguns anos no Brasil, e de Ruth Siemens, que veio à nossa terra, inicialmente como professora da Escola Graduada de São Paulo, para ministrar a americanos residentes nessa cidade. Já em 1956, a caminho da primeira Assembléia Geral da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (CIEE), em Glen Orchard, Ontário, Canadá, o conhecido evangélico suíço Dr. René Paché visitou, juntamente com Robert Young, vários países sul-americanos, incluindo o Brasil. No seu relatório René Poché comunicou a tremenda urgência de atender países da América do Sul, pelo vácuo espiritual que havia se estabelecido nos meios intelectuais e, ao mesmo tempo, por ter verificado a grande fome espiritual dos universitários. Viu ainda o entusiasmo que os estudantes mostraram ao saber que o quadro espiritual poderia mudar. Parecia que as portas se abriam em todo lugar. Por onde o Dr. René e Robert Young iam, verificavam uma boa dose de sinais de iniciativa estudantil. O relatório de Paché e Young à Assembléia Geral fez com que aumentasse o interesse pelas terras sul-americanas, a intercessão por elas e o impulso missionário nas filas da CIEE.

Robert Young chegou ao Brasil em 1957, como assessor pioneiro, para despertar estudantes brasileiros para a visão e a tarefa de levar a mensagem de Jesus Cristo na Universidade. É interessante ler um trecho da carta escrita pelo próprio Robert Young, endereçada a Wayne Bragg em fevereiro de 1968:

A história espiritual do que é hoje a Aliança Bíblica Universitária do Brasil começou na Califórnia, em 6 de novembro de 1952. Há em minha Bíblia uma notinha ao lado de Josué 22:19, referindo-se a uma chamada e visão que Deus me deu um dia: “Passai-vos para a terra da possessão

do Senhor...”. Quando o Espírito de Deus começou a mostrar a várias pessoas que Ele estava prestes a iniciar um trabalho bíblico entre os estudantes universitários da América do Sul, essa terra não se referiu propriamente ao Brasil, mas aquele grande continente.

Um grupinho de estudantes de San Luis Obispo e de Santa Bárbara estivera reunido em uma montanha úmida e chuvosa, com uma missionária inglesa que tinha passado vários anos na China. Ela tinha baseado suas mensagens em Efésios 1:17-21: “O propósito da nossa chamada”, “As riquezas da nossa chamada” e “O poder da nossa chamada”. Estávamos fascinados com um novo encontro com o Deus vivo e alguns de nós disseram: “Senhor, custe o que custar, quero que a Tua vontade se cumpra em minha vida”. Depois de lutar com o Senhor em oração durante os poucos dias que se seguiram, Deus me deu aquele versículo em Josué e também em Gênesis 28:15 e Dt 31:6. Renunciando à minha posição na Intervarsity dos Estados Unidos no fim daquele ano acadêmico, fiz preparativos para rumar para o sul... Costa Rica em 1953 e Universidade da Prata, em 1954.

Foi em outubro de 1954 que, pela primeira vez, tive o privilégio de pisar no solo do “país do futuro”. Estive em Santos, em São Paulo, no Rio e em Recife. O primeiro cristão brasileiro que me encorajou a começar o trabalho estudantil no Brasil foi Dirk Van Eyeken. Encontramo-nos em Schenestady (Nova York) e oramos pela sua terra natal.

Mais tarde, o professor Ross Douglas e sua esposa foram convidados a vir lecionar em São Paulo. Ruth Siemens, já uma pioneira fixa no Peru, foi chamada para o Brasil. E a minha própria volta, muito feliz, foi em 1 de maio de 1956, saindo da cidade de Corumbá. Deus deu aos estudantes que lhe pertencem uma visão simples e uma mensagem básica: “Se você está nesta universidade pela vontade de Deus, então ela é um campo missionário e você é missionário dele aqui”. Os estudantes foram incentivados a

se reunirem com seus amigos interessados e assim começaram os estudos bíblicos. “Cristo em Vós” talvez tenha sido o estudo que deu aos estudantes um princípio do que significava andar com Deus. Assim, o que se poderia chamar de “primeiros grupos” foram os que se reuniram no apartamento de Ruth Siemens, na Alameda Jaú, em São Paulo; no Instituto Teológico da Aeronáutica, em São José dos Campos; e em Aracaju, no Nordeste. O Rev. Walter Kaschel e sua esposa estenderam o seu caloroso e entusiasta apelo para se começar um trabalho em Curitiba.

Alguns dos estudantes que foram os “pioneiros” nesses primeiros grupos foram: Julieta e Wangles Breternitz e Lucas Blanco de Oliveira, em São Paulo; Peter Bork, no ITA; Madalena Matos e Berenice de Oliveira, em Aracaju; Rosamaria Agayer Huber e Lydia Polech, em Curitiba. O primeiro acampamento estudantil no Brasil deu-se em janeiro de 1958, nas montanhas frias e chuvosas de Campos do Jordão. O preletor foi o Rev. Walter Kaschel, de Curitiba. Havia quinze estudantes. Ruth Siemens foi a “deã das moças”. Os rapazes dormiram numa garagem. Foi o último acampamento em época de frio para o qual os nordestinos foram convidados, porque os representantes de Maceió quase morreram de frio naquelas noites! Como resultado desse encontro o grupo de Curitiba começou a funcionar. Um retiro foi realizado naquele ano, e um acampamento evangelístico foi feito com trinta e cinco participantes, numa praia do Paraná. Mais tarde houve outro importante acampamento em Natal, para despertar interesse nos estudantes no Norte do país.

No inverno de 1959, agosto, eu parti para Paris e para o campo da IFES. Meu papel terminou aí. Embora eu tivesse passagem de Lisboa ao Rio, o Senhor me chamou de volta aos Estados Unidos para ficar com meus pais, que estavam doentes. Embora Deus tenha dado uma visão e o gozo de alguns dos primeiros passos nessa querida terra, foi Ruth Siemens quem regou o solo com suas abençoadas lágrimas,

orações e amoroso interesse pela infinidade de estudantes brasileiros”.

Os anos de implantação da ABU no Brasil, de 1957 a 1962, foram anos de expectativas, decepções e surpresas. Existia, em nossa terra, um grupo chamado de Associação Cristã de Acadêmicos (ACA), vinculado ao Student Christian Movement já mencionado. Aparentemente os líderes desse movimento se ressentiram com o aparecimento da Aliança Bíblica Universitária do Brasil. A presença da ABU foi interpretada como uma ameaça à antiga organização. As atitudes de alguns líderes evangélicos da época deram margem à interpretação de que o novo movimento estava chegando para combater a organização ecumênica dos estudantes. Pela literatura que a ACA publicava na época, podemos notar muito de cunho evangélico nas suas páginas. Mas seguindo a orientação que vinha da organização internacional, a Federação Mundial de Estudantes, com teologia declaradamente liberal, e seguindo a liderança de certas alas da igreja no Brasil, e no intuito de contextualizar a teologia para o ambiente da revolução social e política pela qual passava o Brasil, a ACA começou a mudar, tornando-se integrante daquilo que muitos sociólogos da época chamavam de processo revolucionário brasileiro⁸. Seria exagero dizer que uma geração de líderes da mocidade evangélica, sob a influência daquela teologia, sucumbiu com a Revolução de 1964? A revista ecumênica “Testemonium”, publicação da própria Federação Mundial de Estudantes, comenta o fato com uma auto-crítica e observação dos movimentos a ela afiliados.

Para um contexto como este em ebulição, era evidente que o Espírito de Deus impulsionava os pioneiros do movimento estudantil vinculado à Comunidade (CIEE) para dar continuidade ao trabalho iniciado. Era mais do que necessário uma orientação bíblica acadêmica da juventude universitária brasileira. A Palavra de Deus tinha que ser recolocada no seu devido lugar de autoridade para mudar vidas e mentes que tentavam pensar, com sinceros e honestos questionamentos.

Ruth Siemens e o Nascimento da ABUB

Depois de um estágio no Peru, em 1958 chegou ao Brasil Ruth Siemens, como professora da Escola Graduada para colônia americana. Em suas férias e fins de semana aproveitava o tempo vago para fazer viagens visitando os estudantes em diversas cidades do Brasil. Nestas viagens ela chegou até Manaus, capital do estado do Amazonas, num programa intenso de itinerância. Logo Ruth instalou em seu apartamento o seu “QG” da ABU, na esquina da Alameda Jaú com a rua Pamplona. E, nesse ano, foi organizado o primeiro acampamento oficial de âmbito nacional, em Campos do Jordão, ao qual se referiu Robert Young em sua carta⁹.

Sítio das Figueiras, perto de São Paulo, sediou também um dos acampamentos mais importantes para o início do movimento estudantil no Brasil. Sob a direção de Ruth, eram quarenta universitários e assessores internacionais, como Stacey Woods, primeiro Secretário Geral da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos; John White, médico psiquiatra, responsável pelo trabalho de coordenação dos grupos latino-americanos; Samuel Escobar, professor de letras e pedagogia, assessor da CIEE; e Robert Young, assessor da Intervarsity Christian Fellowship dos Estados Unidos, emprestado ao Brasil¹⁰.

O Congresso de Cochabamba que se realizou na Bolívia, naquela cidade, em 1958, foi um dos fatos importantes para o Movimento brasileiro, dando o sentido de que a obra iniciada não era algo isolado, mas sim parte de um corpo em formação na América Latina. Nesse congresso estiveram presentes dezessete grupos estudantis, ainda que apenas o México se fizesse presente como movimento nacional organizado. Nas palavras de Samuel Escobar, esse acontecimento histórico determinou uma nova etapa histórica da CIEE, e foi importante em três sentidos: Primeiro, uma tomada de consciência de que Deus estava em ação na Universidade latino-americana como nunca antes. Segundo, transmitiu-se um ensino concentrado e germinador do que iria contribuir poderosamente para criar todo um estilo de trabalho. Terceiro, de comum acordo com a Comunidade, visualizou-se uma estratégia continental¹¹.

Estavam presentes os pioneiros da obra estudantil na América Latina: Robert Young, Ruth Siemens, Wayne Bragg (assessor da Comunidade na área do Caribe) e diversos profissionais recém-formados, ativos nos seus respectivos países, e estudantes entusiasmados, muitos dos quais se vinculariam mais tarde ao ministério estudantil. Representaram o Brasil nesse Congresso, Lucas Blanco de Oliveira, advogado recém-formado de São Paulo e Lydia Polech, estudante de letras em Curitiba. Muitas cidades do Brasil receberam a visita dos assessores da época: Ruth Siemens e Robert Young, mas deste o seu início o movimento brasileiro caracterizou-se pela iniciativa estudantil. Ruth Siemens comenta que então os estudantes vinham aos acampamentos (realizados em diversos lugares do Brasil) e voltavam às suas cidades entusiasmados com a visão adquirida e tentavam reunir os seus colegas para iniciar grupos de ABU's. Outros ainda, ouvindo acerca do trabalho, tentavam fazer algo semelhante nas suas cidades e escolas. A pedido do grupo de São Paulo, Lucas Blanco de Oliveira (Makenzie, Direito) e Peter Bork (ITA, Engenharia) viajaram até Goiânia para realizar a primeira reunião com os estudantes daquela cidade. Mais tarde um grupo de estudantes paulistas fez uma visita a Belo Horizonte para incentivar os estudantes mineiros a iniciar o grupo na cidade¹².

Combinadas as viagens que os assessores faziam com os grupos incentivados pelas visitas dos estudantes, em breve houve um número razoável de pequenos núcleos de estudantes espalhados por todo o Brasil, mas a maioria sem quase nenhuma orientação. Deus provia bons conselheiros em algumas cidades, como o Pr. Dionísio Pape na cidade de Fortaleza, e o Dr. Ross Douglas em São Paulo, e pessoas, como a professora Euzi Moraes em Vitória-ES, que conheceu a IVCF nos EUA, que foram grandes incentivadores do Movimento. Com o chamado de Robert Young para outros campos estudantis da Europa, e Ruth Siemens tendo se integrado na equipe internacional da Comunidade, depois de ter passado um ano nos Estados Unidos, ela voltou em janeiro de 1961 como assessora de tempo integral para dar continuidade à obra do movimento estudantil no Brasil. Nessa volta Ruth radicou-se no Rio de Janeiro

e iniciou o grupo carioca. Como fruto de alguns anos de trabalho incansável dos assessores e como confirmação de que Deus estava presente no meio universitário brasileiro, chamando um povo para o testemunho estudantil, a ABUB se organizou como Movimento Nacional em 1962. As dependências do Acampamento Palavra da Vida sediaram, na semana santa daquele ano, entre os dias 19 e 21 de abril, as delegações de 11 grupos da ABUB: Rio de Janeiro representado por Inéia Pinheiro Santana, Betty Antunes de Oliveira, Theodoro Gevert; Curitiba representado por Antônio Vigiano, Gunars Sprogis, Lydia Polech; Vitória representado por Hermes Peyneau, Rosa Laura Moreira, Regina Stange; Niterói representado por Mirian Silveira, Delcy Francione de Abreu, Delfio Brandão Zambrotti; Sorocaba representado por Paulo Hornos; São Paulo representado por Paulo Marcos de Campos Barreto, Nilo Roberto Janson, Janyr Boscatti; Belo Horizonte representado por Homem Israel Ferreira, Nilse Menezes Lucas, Maria Izabel Guimarães Faria; Goiânia representado por Josué José Mota, Adécio Lima; Juiz de Fora representado por Vasni Calixto Santana, Maria Matilde Mendes e Beatriz Gotardelo; São José dos Campos representado por Ayrton de Mello Moreira e Samuel Konishi; Petropolis representado por Dirk Van Eyken; e vários delegados observadores dentre eles, Ross Allan Douglas e Aline Douglas, Julieta Breternitz e Wangles Breternitz, Peter Bork.

E assim começa a ata desse Congresso Nacional:

“Aos dezenove dias do mês de abril de mil novecentos e sessenta e dois, às dezessete horas e vinte minutos, no salão de culto do Acampamento Palavra da Vida, situado em Terra Preta, município de Mairiporã, reúne-se o Primeiro Congresso da Aliança Bíblica Universitária do Brasil. Faz uso da palavra a senhorita Ruth Siemens, secretária itinerante da ABU no Brasil, para dar orientação inicial sobre o que deverá tratar o Congresso; pede ela que se busque a presença de Deus e três orações são feitas. Fala o Senhor Samuel Escobar, demonstrando a sua alegria por ver o desenvolvimento da ABU no Brasil e apresentando uma palavra de estímulo...” (12)

Nesse Congresso os delegados aprovaram os primeiros estatutos da ABUB o seu Conselho Administrativo, que tinha a função de administrar o movimento. O Conselho Administrativo era composto por quatro profissionais de instrução superior, dentre os mais identificados com o trabalho geral da ABUB e eleitos pelo Congresso, quatro universitários eleitos dentre os delegados das ABU's locais e o Secretário Geral.

O Conselho Administrativo tinha a incumbência de organizar o programa financeiro, elaborar e aprovar o orçamento anual, organizar o programa de literatura, planejar o Congresso Anual, indicar o Secretário Geral e os secretários itinerantes, dentre outras responsabilidades.

Assim, o primeiro Conselho Administrativo da ABUB foi constituído por Dirk Van Eyeken, Lucas Blanco de Oliveira, Wangles Breternitz, Peter Bork e, representando os estudantes, Antônio Vigiano (de Curitiba), Betty Antunes de Oliveira (do Rio de Janeiro), Adélcio de Lima (de Goiânia) e Paulo Hornos (de Sorocaba).

O AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

Os anos 60 foram a década de divergências e de conflitos teológicos, que forçaram os seminários a adotar uma disciplina rígida para salvaguardar as suas instituições. Muitos tiveram que se posicionar diante de novos pensamentos e doutrinas, nem sempre com as interpretações bíblicas e tradicionais. Muitas escolas tiveram que fechar as suas portas, pelos sérios problemas que os seminários tiveram que enfrentar, decorrentes do relativismo teológico que diluía as bases de fé e da conduta dos próprios seminaristas. Na tentativa de colocar em ordem as escolas, alguns alunos foram expulsos e professores demitidos. Colegas de longos anos de trabalho se separaram, criando mágoas e amarguras no meio do povo de Deus, criando grandes divisões em igrejas e denominações.

O cenário estudantil passava, no início de 60, por uma efervescência política muito grande. Havia uma preocupação do meio estudantil de se conhecer melhor a realidade brasileira, expressão essa que estava entrando em moda no meio estudantil e

no meio dos intelectuais. O convite era de conhecer os problemas sociais, econômicos e políticos da nação: nenhum estudante poderia ficar alienado aos acontecimentos e à mudança pela qual passava o Brasil. A consciência nacionalista estava sendo despertada e aguçada com a tomada de conhecimento da situação do país e com os ataques dos males do imperialismo norte-americano. A ideologia reinante aceita por muitos estudantes era o marxismo, que usava a bandeira da justiça social convocando os estudantes a lutarem pelos trabalhadores e camponeses. As faculdades e escolas superiores eram literalmente focos de agitação estudantil e os universitários estavam sendo convocados a participar dos assuntos que interessavam à política nacional.

Nessa época, para se ter uma idéia de como iam as coisas, a estudante Neuza Itioka descobriu, perplexa, que na seção de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo (hoje Faculdade de Educação), quatro dos veteranos da escola que estavam militando no Partido Comunista tinham sido líderes de mocidades evangélicas. A perplexidade se transformou em peso, e o peso no chamado de Deus para participar do movimento estudantil, e mais tarde para servir o reino de Deus através da assessoria da ABUB.

Somente alguns anos mais tarde ela compreenderia que os jovens cristãos, mesmo tendo uma fraca formação bíblica, são bastantes sensíveis à questão da injustiça e da injustiça social, pois a questão social já é assunto apresentado pelos profetas do Velho Testamento, os quais na realidade são os verdadeiros arautos da justiça social. Este tema nunca é abordado, por exemplo, pelos filósofos gregos, devido à sua cosmovisão de ver a sociedade dividida em classes. Os profetas, ao contrário, transmitem a agonia do coração de Deus, que não suporta o pecado e a injustiça contra qualquer criatura. A sensibilidade e a compaixão sem uma resposta verdadeira, embasada na Palavra de Deus, podem levar o jovem cristão a optar por uma outra alternativa: a de militância política com meios violentos, abandonando a fé e o seu compromisso com Jesus Cristo. (12)

Os acontecimentos políticos que procedem a revolução de 1964 estavam preocupando os líderes políticos e eclesiásticos do Brasil pelo tom demagógico com que eram desenvolvidos. Assim, na sua avaliação, a própria esquerda criticou os fatos e o ambiente que antecederam a Revolução de 64:

Apesar, contudo, das circunstâncias altamente favoráveis à maturação do processo revolucionário brasileiro, o que se tem visto, afora as agitações superficiais, por vezes aparatosas, mas sem nenhuma profundidade ou penetração nos sentimentos e na vida da população, é a estagnação daquele processo revolucionário. Ou, pior ainda, a sua degenerescência para as piores formas de oportunismo, explorando as aspirações populares por reforma. Foi esse espetáculo que proporcionou ao País o convulsionado governo deposto de 1º de abril. Muitos, na verdade quase toda a esquerda brasileira, interpretaram aquele período malfadado como avanço revolucionário. Mas de fato ele para nada serviu senão preparar o golpe de abril e o acastelamento no poder das mais retrógradas forças reacionárias. Isso porque deu a essas forças a justificativa de que necessitavam: o alarme provocado pela desordem administrativa, implantada à sombra da inépcia governamental, aproveitada e explorada por agitação estéril sem nenhuma penetração no sentimento popular, e estimulada no mais das vezes por interesses subalternos e mesquinhas ambições pessoais. É isto que permitiu à reação encobrir os seus verdadeiros propósitos, e iludir boa parte da opinião pública, com o pretexto de salvação do País do caos que parecia iminente¹³.

A revolução de 1964 foi acompanhada de muito euforismo em muitas igrejas, na sua grande maioria conservadora e bíblica, com a convicção de que se salvou a nação de uma revolução que poderia desembocar num tipo de totalitarismo de esquerda onde a Igreja de Jesus Cristo não poderia sobreviver nos moldes atuais. No meio do

povo evangélico havia um sentimento comum de que Deus, o Senhor, da mais uma oportunidade para a pregação livre do Evangelho. Mas a euforia não durou muito, pois a igreja evangélica no Brasil começou a enfrentar, especialmente no meio da juventude, um tipo de reação a tudo que cheirava conservador. As teologias que vieram de além mar, os pensamentos europeus e americanos que haviam penetrado nos meios brasileiros através dos seminários e dos seus professores não iriam desaparecer de um dia para o outro. A semente havia permanecido e o ecumenismo acompanhado de ideologia marxista continuou influenciando escolas de Teologia e, igrejas e, mui particularmente, a juventude. Tudo o que tinha sabor de teologia conservadora¹⁴, no sentido de defender os fundamentos bíblicos, estava sendo identificado com a força reacionária do País. Muitos poucos tinham a maturidade de discernir as implicações políticas envolvidas em determinadas posições teológicas e facilmente e com muita irresponsabilidade rotulavam de reacionários e fundamentalistas aqueles que não adotavam a postura de estar em oposição ao governo, e que não advogavam a teologia da moda. Neste contexto, os jovens crentes que sinceramente amavam a Deus, que tinham a sua fé pessoal e uma vida devocional, por se preocuparem com as questões sociais eram taxados de liberais. Eles acabavam se radicalizando, nem sempre encontrando aceitação e compreensão dos líderes, nem obtendo respostas bíblicas para as suas questões. Era a radicalização para os dois extremos.

Em meio a este clima, a Aliança Bíblica Universitária prosseguia com os seus objetivos de alcançar os estudantes através dos estudantes, pela Palavra de Deus. As atividades, os estudos bíblicos e os acampamentos cresciam em todas as partes do Brasil. Em 1965 já havia 19 grupos espalhados em todo o Brasil. As viagens de Ruth Siemens não eram suficientes para providenciar adequada orientação para os novos grupos. Para poder prover literatura e material adequado de orientação ao Movimento, e visando também servir a igreja evangélica, formou-se a Junta Editorial Cristã em 1962, composta da Missão Batista Conservadora e a ABUB. A Junta Editorial Cristã iniciou a publicação de um bom número de

livros, com o trabalho supervisionado pelo Dr. Russell Shedd. Em 1965, já tinham sido publicados o Novo Comentário Bíblico, e os livros Cristianismo Básico de John Stott; A Razão do Cristianismo, Cartas do Inferno, e Palestras que Impressionam, de C.S. Lewis.

Também em 1965 o Brasil recebeu pela primeira vez a visita do Dr. Hans Burki, então Secretário de Literatura da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos e Secretário Geral do movimento estudantil suíço. Este percorreu com Ruth Siemens a imensidão do Brasil, apresentando conferências em diversas universidades brasileiras. Cerca de doze cidades receberam a visita do Dr. Burki. Estas conferências nas faculdades tiveram o nome de Missão Universitária, pois foi um esforço especial e foi uma missão aos universitários. Geralmente as conferências poderiam ser classificadas como pré-evangélicas, tentando tratar de temas bastante acadêmicos, mas incluindo sempre os pontos do Evangelho para despertar nos ouvintes o interesse pela mensagem total do evangelho. O que aconteceu em São Paulo foi algo muito típico: a diretoria do grupo local era constituída apenas de três moças e um rapaz. Na realidade não havia muitos com quem pudessem contar. A Secretária Geral Ruth Siemens pediu que o grupo local se encarregasse da organização da conferência, ou seja, da Missão Universitária na cidade de São Paulo. Os quatro estudantes que representavam a Universidade de São Paulo, na Pedagogia, Matemática e Física, meio assustados e muito temerosos, porque tinham que sair do seu grupinho cômodo para enfrentar a Universidade propriamente dita, tiveram que trabalhar entrando em contato com diversos grêmios e centros acadêmicos e tomar todos os tipos de providências. Nestes eventos, o Dr. Ross Douglas deu grande apoio para o trabalho estudantil. Os volante de convite indicando os temas das conferências, o local e a data foram confeccionados e distribuídos maciçamente. Neste mister esses estudantes tiveram que fazer das “tripas o coração” para divulgar, convidar os colegas, e vir de classe em classe para falar das conferências. Os grêmios e os centros acadêmicos abriram as suas portas para receber este professor da Suíça, doutor em educação pela Universidade de Zurich e pela Universidade de Chicago.

O conferencista falou em 11 faculdades na cidade de São Paulo, trazendo ao público temas muito interessantes: O Conflito entre o Humanismo e o Cristianismo na Vida de Pestalozzi, Nihilismo na Filosofia de Nietzsche; Mecanização e Automação da Vida, Educação como Investimento, Psicologia e a Realidade da Fé Cristã, A Busca Humana por um Significado Permanente na Vida. Nestas conferências colaboraram como intérpretes pessoas de destaque no meio evangélico, tais como o Pr. Werner Kashel, em São Paulo. Diante da demanda do trabalho estudantil no Brasil, muitos nomes de profissionais ex-abeuenses foram consultados para atuarem com obreiros, mas, diante da resposta negativa destes, o Movimento encontrou no casal Carlos e Margaret Lachler corações sinceramente preocupados com os estudantes do Brasil. Tendo aceitado o convite de se tornarem assessores da ABUB, eles se instalaram numa cidade universitária, São José do Rio Preto, e se matricularam na Faculdade para se tornarem mais eficientes no ministério estudantil e se identificarem com a mentalidade universitária. Todo o interior de São Paulo ficaria sob os seus cuidados. Tiveram eles calorosa receptividade no meio estudantil paulista, e foram muito amados pelos abeuenses.

3. CHAMADOS A ORGANIZAR (1966 A 1970)

ENVIANDO E RECEBENDO

O ano de 1966 foi um ano que pode ser considerado como o ano marco para o movimento brasileiro. Neste ano a Comunidade (CIEE) organizou o seu Primeiro Seminário de Capacitação de Líderes Estudantis, com duração de 30 dias, em Lima, Peru. Estiveram nada menos que treze países representados por delegados seminaristas. O Brasil enviou Ruth Siemens, como assessora da Comunidade (CIEE) e Neuza Itioka, estudante que vinha participando há algum tempo do grupo da ABU em São Paulo. Este encontro proporcionou a visualização do movimento no contexto latino-americano, em espírito de companheirismo e oração, e a procura honesta do lugar da Comunidade dentro de várias correntes teológicas da época. Trinta dias de ensino, de oração em conjunto, convivência com assessores internacionais, o compartilhar com colegas de diversas nações latino-americanas acerca da alegria do testemunho estudantil, das lutas e das dificuldades dos grupos de estudos bíblicos nas dependências das universidades, tudo isso desafiou as delegadas brasileiras a se dedicarem mais à obra estudantil, bem como deu a visão clara para onde devia caminhar o movimento nacional. Neste ano também a ABUB recebeu novamente o Dr. Hans Bürki, juntamente com sua esposa, Dra. Agatha Bürki-Firenze, presidente internacional do trabalho de evangelização entre enfermeiras. Vinha ele com um programa de treinamento de líderes, que foi realizado em Sacra Família do Tinguá, no Rio de Janeiro.

Muitos líderes locais estiveram presentes de: Belém, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Petrópolis, São José do Rio Preto, Curitiba. Foi na semana santa daquele ano, uma semana fria e chuvosa, mas aquecida com a presença de Deus e com a visão de que Deus queria que os estudantes brasileiros fizessem algo em prol do Reino. A liderança da organização desse Programa de Treinamento estava nas mãos de Ruth Siemens, com a ajuda do conselheiro Dr. Ross Douglas e Aline Douglas, sua esposa. Lá se

encontravam os assessores Carlos e Margaret Lachler e Neuza Itioka, recentemente admitida como assessora de tempo parcial. Neuza tinha sido presidente da ABU em São Paulo, era formada em Teologia e cursava Pedagogia na Universidade de São Paulo. Paulo Medeiros, estudante de Teologia da Faculdade Teológica Batista do Sul, estava participando na qualidade do futuro assessor da ABUB, para a região do Rio de Janeiro.

No meio da semana, quando o Treinamento estava a caminho, Wayne Bragg, um dos pioneiros da Comunidade na área do Caribe, chegou, aceitando o convite do Conselho Administrativo. Wayne chegava ao Brasil, depois de ter gasto doze anos de sua vida no ministério estudantil, em Porto Rico. Wayne, americano de origem, com capacidade muito grande de se adaptar a novas situações, assimilou rapidamente os costumes brasileiros e discerniu com muita precisão o momento histórico da igreja Evangélica no Brasil, para organizar a ABUB. Tinha uma certa genialidade administrativa que se caracterizava no cuidado e na perfeição, até nos pequenos detalhes.

Wayne assumiu o cargo de Secretário Executivo do movimento, e a ABUB passou a ter o seu boletim de oração, o “Intercessor”; o “Alcance”, boletim de informação com o objetivo de informar o público evangélico acerca do que é a ABU, o que faz, o que estava fazendo; um boletim interno para os estudantes, o “Entre Nós”. A experiência de doze anos de assessoria deu a Wayne a facilidade de estabelecer novos modelos de treinamento para líderes: o Instituto de Preparação de Líderes, onde os líderes de grupos locais recebiam preparo para exercer liderança que pudesse dar verdadeiros frutos, reproduzindo em outros estudantes a visão e a paixão pelo testemunho estudantil. Com a chegada de Wayne, a equipe de assessores também se organizou para traçar planos e estratégias para o movimento nacional. Na ocasião em que foi convocada a reunião de Estratégia da ABUB, em São Paulo, em julho do mesmo ano, mais um casal se integrou no quadro de assessores: Dionísio Pape e sua esposa Elaine, que já vinham participando como conselheiros do grupo em Fortaleza.

Dionísio era pastor batista, conhecedor das terras brasileiras e profundo amante do povo brasileiro. Tinha voltado ao Canadá, em gozo de férias, e aguardava do Senhor a indicação do novo campo, quando chegou em suas mãos o convite da ABUB para se tornar assessor do movimento. Dionísio foi designado como responsável pela obra estudantil no Nordeste. Ele fez da cidade do Recife o seu “QG” para toda a região do Nordeste, e ainda pastoreava uma igreja de fala inglesa.

PLANEJANDO TREINAMENTO

O treinamento de estudantes teve um lugar prioritário na nova da ABUB com Wayne Bragg: no início de 1967 aconteceu o primeiro Instituto de Preparação de Líderes em São Bernardo do Campo, nas dependências do Seminário Presbiteriano Conservador, com a presença do Dr. Paul Little, então assessor da IVCF e diretor de evangelização e Missões do movimento americano, e autor de diversos livros, entre eles Como Compartilhar Sua Fé. Do Nordeste vieram quatro estudantes escolhidos com muito carinho pelo assessor Dionísio Pape: Edward Robinson Cavalcanti (Direito), Elizabeth Coutinho de Barros (Pedagogia), Isis Carneiro Leão (Letras), Bayard Amorim (Arquitetura). Desta equipe três foram mais tarde assessores da ABUB. Neste IPL estiveram presentes Uriel Heckert (Medicina) de Juiz de fora, Perrin Smith e Oswaldo Soares Pinto (Engenharia) de Belo Horizonte; Walter Brepohl (Engenharia) de Curitiba; Ruth Silveira (Pedagogia) do Rio de Janeiro, Raquel Miranda e Vera Cione (Pedagogia) de São Paulo, Tsutomu Imada (ITA) de São José dos Campos e Milton Andrade (Engenharia recém- formado), entre outros. Muitos serviram por muito tempo o movimento estudantil como assessores, diretores e líderes de seus respectivos grupos. Sob a direção e sugestão de Paul Little, foi organizado o “Fórum Aberto de Evangelização”, no Guarujá, num sábado. Num dia de muito sol os participantes do IPL desceram à praia para evangelizar os estudantes, jovens, adultos, quem estivesse por lá. No meio daquela gente sofisticada, que ouvia os abeuenses apresentando o Evangelho, muitos saíram de lá meneando a cabeça, mas outros

prestavam muito atenção, especialmente aqueles operários que tinham acabado de assistir a uma explosão nas dependências da refinaria de Cubatão. Estes abriram o seu coração para prestar atenção ao depoimento de estudantes e assessores que se misturavam no meio dos que ouviam para compartilhar pessoalmente o Evangelho.

Se o IPL, era organizado visando os líderes, o Curso de Férias era outra modalidade para dar as primeiras informações aos estudantes que estariam entrando no movimento. Em julho daquele ano, no Rio de Janeiro, nas dependências do Seminário Teológico do Sul, foi realizado o Curso de Férias que congregou cerca de 90 estudantes de todo o Brasil. René Padilha, Secretário Geral para a América Latina da Comunidade (CIEE), deu a sua colaboração apresentando a Teologia da Igreja para os participantes; Dr. Russel Shedd apresentou os estudos expositivos da Primeira Epístola de Pedro e o Rev. Edézio Chequer, Pastor presbiteriano de Salvador, apresentou estudos sobre a Realidade Brasileira e Universitária. Para o Nordeste, o IPL realizado em Garanhuns em janeiro de 1968 foi de suma importância, pois foi neste encontro que a ABUB conseguiu conquistar corações apaixonados e comprometidos, como Márcio Gueiros, e firmou o amor ao trabalho estudantil nos corações de dezenas de estudantes do Nordeste. A visão da obra foi transmitida para ser passada para outras gerações de estudantes. O que caracterizou esse IPL não foi as preleções teologicamente profundas, mas as coisas bastante práticas, como o valor da hora devocional na vida dos estudantes, discípulos de Cristo na Universidade, o valor da comunhão em oração, e o método indutivo de estudar a Bíblia, impressionando os estudantes que começaram a descobrir uma dimensão muito rica, até estão desconhecida por eles. A simplicidade e a praticabilidade do método da ABU fascinavam os estudantes. Tanto os rapazes como as moças, além de dividir em pequenos grupos de estudos bíblicos para estudarem a Bíblia de maneira não tradicional, ainda encontraram tempo para se reunir em quartos, cada qual nas suas alas para compartilhar e orar. Este foi o tempo em que muitas coisas práticas aconteceram no

sentido de resolver problemas pessoais e aprender a verificar como Deus age nas vidas dos indivíduos e na vida dos grupos.

O IPL do NE deixou marcas nas vidas dos seus participantes, mas o sul pode enviar apenas 10 estudantes que sobreviveram a um incêndio do ônibus na viagem, já quase dentro da cidade de Salvador. Os organizadores decidiram que outro IPL seria feito no Sul para beneficiar outras regiões da ABUB.

A Fazenda Margarida, em Lapa, Paraná, sediou o Terceiro Instituto de Preparação de Líderes, em janeiro de 1969, organizado com todo carinho, pelos assessores, debaixo da liderança de Wayne Bragg. Teve a duração de 17 dias, na tentativa de se fazer algo quase que perfeito. O preparo para tal evento foi intenso no sentido de promover materiais para serem traduzidos, adaptados e escritos. Os assessores trabalharam na tradução, na datilografia, na mimeografia, na elaboração de estudos. Cada região lutou e se esforçou para ter uma representação que expressasse a situação local, mas nem todos os estudantes que deveriam estar presentes puderam participar do IPL. Dentre vários estudantes presentes achavam-se os do Planalto Central, que estavam participando pela primeira vez, da cidade de Brasília: José Júlio dos Reis (Direito), Sérgio Neri da Mata (Economia), Vera (Psicologia); de São Paulo: Sara Hayashi (Letras), Saulo Silvério (Sociologia e Política), Mary Cleme Suilvério (Serviço Social), de Curitiba: David Lipsi (Medicina), e Dieter Brepohl (Economia e Direito) participava pela primeira vez de uma realização da ABUB.

Do Nordeste Dionísio Pape se fez acompanhar de Wilma Lucena (Medicina) e Terezinha Lopes (profissional, advogada). Robinson Cavalcanti, que havia começado a assessoria no NE, estava em Guayaquil, Equador, participando do Terceiro Seminário de Capacitação de Líderes Estudantis. Neste IPL o programa continha momentos de trabalho para os próprios estudantes elaborarem guia de estudos bíblicos, muita oportunidade de estudantes se expressarem nas confecções e no preparo de materiais de orientação. E, num fim de semana, foi organizado um retiro na praia. No ministério do ensino participaram, além dos assessores da ABUB, Wayne Bragg, Dionísio Pape, Moisés Prisco dos Santos e

Neuza Itioka, o Dr. Nils Friberg, então professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e o Dr. Hans Bürki, que voltava depois de três anos. Nils Friberg ficou com a área de apologética da fé cristã, diante da ciência e da filosofia; o Dr. Bürki ficou com os estudos sobre a maturidade espiritual e com a exposição de Gálatas. Na exposição de Gálatas o Dr. Bürki marcou muitas vidas referindo-se ao eu religioso. Ele enfatizou que, em nome da religião, muitos cristãos estão vivendo a vida com Deus na base do esforço próprio, da auto-determinação, da auto-dependência, da auto-suficiência, tomando o lugar de Deus, controlando todas as coisas, sem permitir que Deus atue em suas vidas; falando como se dependesse de Deus, mas negando o fato pela atitude diante dos homens, diante da obra e diante de Deus¹⁵.

RECRUTANDO NOVOS OBREIROS

Sob a administração de Wayne Bragg que recebeu o cargo de Secretário Executivo, os obreiros foram distribuídos da seguinte forma: Ruth Siemens foi enviada para Curitiba, para fortalecer o grupo local e se responsabilizar pela região Sul. Carlos Lachler e Margaret, sua esposa (ela se revelou grande pastora de estudantes) se firmaram no interior de São Paulo e começaram o discipulado com Moisés Prisco dos Santos, professor de Geologia que se empolgava com a filosofia do movimento estudantil. Paulo Medeiros foi designado para a região do Rio de Janeiro e Neuza Itioka para São Paulo capital e o litoral paulista. Dionísio Pape continuou responsável por todo o Nordeste, e já começava a treinar o estudante Robinson Cavalcanti, que se despontava como líder estudantil, na cidade do Recife.

Wayne Bragg era um homem de grande capacidade criativa. Quando verificou a imensidão do Brasil e a dificuldade de vencer a distância da comunicação, para cobrir de forma adequada todo território nacional com pouquíssimos obreiros, instituiu o cargo de assessor auxiliar. Convidou profissionais liberais e professores universitários, que estavam em contato com a ABU e com os estudantes, para darem apoio, e colaborarem na transmissão da visão da obra, na abertura de suas casas para receber os estudantes

e pessoas que já estavam envolvidas no aconselhamento estudantil; enfim, foram convidados a prestar o serviço de assessoria aos grupos locais onde não havia assessores e onde não era possível atendimento por parte deles. Já no ano de 1968, alguns professores universitários, como o professor Daison Olsany Silva, da Universidade Federal de Viçosa; o professor Descartes Teixeira, do Instituto Técnico de Aeronáutica de São José dos Campos, foram convidados para integrarem o quadro de assessores auxiliares. Eram pessoas que dedicavam uma parte do seu tempo ao ministério estudantil, sem receberem do Movimento.

Eram então vários tipos de assessores: assessor da Comunidade, como Wayne Bragg, e Ruth Siemens, que trabalhavam em tempo integral. Carlos Lachler e Margaret, e Dionísio Pape que eram assessores de tempo integral emprestados por missões estrangeiras, e assessores nacionais de tempo parcial como Neuza Itioka e Paulo Medeiros (e mais tarde, Moisés Prisco dos Santos, e Robinson Cavalcanti). Estes assessores viviam do salário provisto ou pela ABUB ou pelas suas missões, mas os assessores auxiliares trabalhavam como voluntários.

Novos assessores estavam despontando, mas outros estavam se despedindo da obra: Ruth Siemens no final de 1968 voltou para os Estados Unidos, depois de ter dedicado uma década completa de sua vida à obra universitária no Brasil. Carlos e Margaret Lachler depois de quatro anos de ministério, foram passar um ano de férias nos Estados Unidos, deixando um substituto treinado por eles, na sua área. Dionísio Pape deixou o Brasil no final de 1970, indo ao Canadá, e deixou Robinson Cavalcanti como Secretário Regional no Nordeste.

Com o desenvolvimento do número de grupos da ABU, com o aumento das regiões atingidas, a antiga estrutura administrativa que vinha funcionando desde a organização da ABUB como movimento nacional, em 1962, não era mais adequada. fazia-se necessário adotar uma nova estrutura; assim o Conselho Administrativo foi substituído pelo Conselho Diretor, composto de dois representantes de cada região (um estudante e um profissional) e de uma Diretoria, composta de estudantes e profissionais, na sua maioria residentes

em São Paulo. A Diretoria teria que se reunir mensalmente; o C.D., semestralmente, no interregno dos Congressos Nacionais, órgão supremo da ABUB.

ESTABELECENDO CONTATOS

Um dos objetivos do Secretário Executivo, nesses anos, foi de fazer conhecida a ABUB no mundo evangélico, e assim deu muita importância aos contatos com as igrejas evangélicas. As visitas de grupos da ABU, bem como de assessores às igrejas locais foram incrementadas.

Por ocasião da Missão Universitária de Samuel Escobar, realizada em 1968, os grupos da ABU se esforçaram por apresentá-lo aos pastores de suas cidades: assim cada cidade organizou uma reunião para a qual foram convidados os pastores para ouvirem o assessor estudantil da América Latina, alguém que poderia lhes trazer uma resposta para as muitas perguntas que os líderes de igrejas tinham em mente. De acordo com Ruth Siemens, na época 80% dos jovens crentes que começavam a freqüentar a Universidade abandonavam a fé. No ano seguinte, em 1969, a Missão Informadora do Brasil, entidade que coordena e facilita a estada dos missionários, dando-lhes orientação, prestando-lhes serviço de informação e organizando conferências para o desenvolvimento deles, promoveu um Congresso cujo tema era “Como Alcançar a Juventude para Cristo” e os preletores principais foram Samuel Escobar e Joe Bayly, um antigo assessor da IVCF dos Estados Unidos. Foi uma oportunidade extraordinária de contato, de fazer conhecida a ABUB também no meio dos missionários. Quase toda a equipe de assessores esteve presente: Wayne Bragg, Carlos Lachler, Dionísio Pape e Neuza Itioka.

O Congresso Latino-Americano de Evangelização, que mais tarde ficou sendo conhecido por CLADE I, realizado em Bogotá, Colômbia, também contou com a presença de elementos da ABUB: Wayne Bragg esteve representando o Brasil, juntamente com Ruth Silveira, estudante de Pedagogia do Rio de Janeiro.

No meio da Universidade os grupos também estabeleciam contatos e organizavam os seus grupos de ABU's.

Djalma Pereira, estudante de Economia, funcionário do Banespa, conheceu a ABU em Fortaleza, quando, naquela cidade, um estudante de Engenharia (Benício Orlando Saraiva Leão) estava a frente do trabalho, tentando levar o testemunho estudantil no meio dos seus colegas. Djalma viu muitas vezes Benício trabalhando sozinho, até mesmo colocando cartazes nos murais da faculdade. Mas ele era ainda da “festiva”, não estava bem consciente dos propósitos da ABU.

Logo mais Djalma foi transferido para São Luis do Maranhão, em função do seu trabalho. Um dia apareceu na agência do banco em que trabalhava um inglês queimado de sol e empoeirado. Havia viajado mais de 20 horas pelas estradas para lá chegar, tendo um nome em suas mãos: Djalma Pereira. Ele se apresentou como Dionísio Pape, pastor que trabalhava com a evangelização de estudantes, e disse desejar começar um grupo da ABU naquela cidade. Dionísio nem tinha onde ficar naquela noite, mas a hospitalidade nordestina dos irmãos logo funcionou. Djalma hospedou o assessor da ABU, e assim foi se identificando com os propósitos do Movimento, encantado e apaixonado pela visão que lhe era transmitida. Visitaram todas as igrejas evangélicas da cidade naquele fim de semana e Dionísio apresentou aos pastores os objetivos da ABU. Antes de partir para Recife, Dionísio marcou um encontro dos universitários da cidade com Robinson Cavalcanti, que viria posteriormente para fundar oficialmente a ABU. De fato, Robinson veio, fundou o grupo e empossou a primeira diretoria da ABU - São Luis. A primeira presidente foi uma estudante de Medicina, Euzi Fernandes, e Djalma Pereira foi o vice-presidente. Deste primeiro grupo participaram Saulo de Tarso Batista, Joaquim Fortes e uma secundarista muito viva, Silêda Cavalcante. Saulo já conhecia a ABU através do grupo de Goiânia. As reuniões na casa de Djalma atraíram muitos estudantes. No início nem todos compreendiam os propósitos do movimento, mas houve muita oração para que o Espírito Santo fizesse a obra, e paulatinamente Deus foi amadurecendo o grupo. Djalma foi conhecido como o pai da ABU - São Luis¹⁶.

Em Campinas, São Paulo, o grupo de estudantes começou a se reunir pela iniciativa de uma universitária que conheceu o testemunho estudantil em São Paulo, e se dispôs a evangelizar os seus colegas na faculdade de Medicina.

Juiz de Fora recebia a visita dos assessores; quando alguém passava por Belo Horizonte ou Rio de Janeiro dava uma esticadinha até aquela cidade. Uriel Heckert e Joel Tibúrcio, dois estudantes de Medicina, continuavam levando avante a visão de apresentar Jesus Cristo aos colegas, e realizavam reuniões de estudos bíblicos, bem como organizavam acampamentos.

Viçosa tem uma história linda. Quem participou intensamente do nascimento e assistiu às lutas que os estudantes da Universidade Rural de Minas Gerais desenvolveram para estabelecer o grupo da ABU, bem como a igreja evangélica local, a primeira da cidade, foi Ruth Siemens. Alguns estudantes começaram a se reunir com o propósito da evangelização estudantil, e não se satisfaziam com a Universidade apenas. Começaram a pregar o evangelho para os habitantes da cidade. Os moços foram recebidos a pedrada, episódio muito comum nas páginas do pioneirismo evangélico¹⁷. O grupo da ABU cresceu e a igreja também cresceu junto com os pioneiros José Cambraia, Juarez Bolsanelo, Américo Silva e uma geração de professores universitários que fazem carreira hoje na Universidade Federal de Minas Gerais (a universidade foi federalizada): Daison Olsany Silva, Osmar e Rolf Pushman, George Kings de Moraes. Mais tarde, todos eles ajudaram o Movimento, tendo no meio deles até assessores.

Neste período o Planalto Central foi atingido. Um profissional pós-graduado do ITA, que logo viria a ser um dos assessores auxiliares, o professor Descartes Teixeira, estava fazendo contatos com os estudantes na cidade de Brasília. Wayne Bragg e Moisés Prisco dos Santos também viajaram para o planalto, visitando as cidades de Goiânia, Anápolis e Brasília. Como fruto dessas viagens três estudantes brasilienses foram ao IPL em 1969, e iniciaram o grupo da ABU na Capital Federal. Numa viagem posterior, Neuza Itioka encontrou-se com a professora Lydia Polech, da

Universidade de Goiás, uma das fundadoras da ABU Curitiba, e estabeleceu contato com uma nova geração de estudantes.

Os assessores eram incansáveis nas suas visitas e tentavam estabelecer contatos com estudantes e líderes de igrejas, mas onde havia iniciativa estudantil, o grupo vingava de maneira mais sadia. Assim Orlando Kalil, participando do Curso de Férias onde seu pastor Edézio Chequer fora preletor, voltou entusiasmado com a visão captada, e voltou à sua cidade de Salvador, Bahia, para iniciar a obra da ABU.

O grupo de São Paulo fazia viagens missionárias para Santos, São José dos Campos e Campinas, ora para estimular os estudantes a começarem a obra estudantil, ora para encorajar os grupos existentes.

Com a saída de Ruth Siemens e Carlos Lachler o imenso território de todo o Brasil menos o Norte e o Nordeste ficava na mão de três assessores. Havia grupos de ABU em Curitiba, São Paulo, São José dos Campos, Campinas, São José do Rio Preto, Piracicaba, Araraquara, Botucatu, Bauru, Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Viçosa, Goiânia, Anápolis e Brasília. Havia contatos, isto é, pessoas e estudante tentando começar alguma coisa em Santos, Piracicaba, Pres. Prudente, Ribeirão Preto e Lins no Estado de São Paulo; e Campos, Volta Redonda no Rio de Janeiro; Londrina, no Estado do Paraná; e em Maceió, Aracaju, Terezina, Manaus e na cidade de Areia, na Paraíba.

No meio da aparente expansão, quem estava acompanhando o desenvolvimento do grupo sentia que o trabalho era moroso. Nem sempre o entusiasmo inicial persistia no grupo. A dificuldade de aglutinar os estudantes cristãos perseverantes no testemunho estudantil era grande: eram dois, três, pouquíssimos a assumirem compromisso com Jesus Cristo na evangelização na Universidade.

Muitos estudantes vinham e iam, mas os que permaneciam eram poucos. E os que ficavam eram aqueles que fielmente permaneciam no trabalho, convencidos do chamado de Deus. Bern Walter Glaser, Suely Moreno, Leda Assumpção, Tadayoshi Tiba, Raquel Miranda, Paulo Ferreira, Jarbas Martins eram alguns dos estudantes

comprometidos em São Paulo que teimavam em levar a visão recebida¹⁸. E, nesse ínterim, também Deus levantava homens como Floyd Pierce, um dos anciãos da Igreja dos Irmãos em Curitiba, para abrir a sua casa, receber os estudantes e promover estudos bíblicos. Confirmava-se mais e mais o ministério da família Douglas, radicada desde 1958 no Brasil, em São Paulo, com sua casa sempre cheia de assessores, profissionais e estudantes: ora eram os profissionais convocados, ora a Diretoria, ora uma reunião com pessoas chaves do Movimento, ora recepção dos assessores internacionais. A casa deles era sempre aberta, com a hospitalidade da dona Aline Douglas, que fazia a estada das pessoas muito agradável. Quantas vezes a Kombi do Dr. Douglas, o único veículo da família, saía cheia de panelas, cobertores e bugigangas para um acampamento de universitários...

Há muitos outros nomes, dezenas de pessoas que prestaram serviços a ABU, uma, duas, dezenas de vezes, para possibilitar o crescimento do testemunho estudantil no Brasil. Não é possível mencionar todos esses nomes.

BUSCANDO EQUILÍBRIO

O período que se segue pode ser caracterizado como o período de uma busca por equilíbrio na Teologia Bíblica, diante do desafio que o mundo teológico oferecia e diante da exigência por um posicionamento da igreja diante dos problemas sociais e políticos. A igreja evangélica estava inquieta, e isso se patenteava pela efervescência por que passavam os seminários teológicos. Eles também refletiam o que acontecia no meio estudantil universitário: repressão no meio estudantil, proibindo qualquer expressão e manifestação pública em forma de passeatas ou de greves trouxe um clima de insegurança, não apenas aos estudantes politizados, mas também aos abeuenses que passavam a ter muita dificuldade em manter o grupo de estudos bíblicos. Os pouquíssimos grupos dentro das faculdades deixaram de funcionar e muitos abeuenses eram chamados a tomar posição e participar de alguma forma na vida de política estudantil.

Os estudantes de teologia também se sentiam chamados a participar dessa situação, com o constante apelo da teologia da moda. O ambiente dos seminários teológicos e o comportamento de seus estudantes passavam por rápidas mudanças. O rapaz consagrado de ontem, que lia diversas vezes a Bíblia toda, hoje havia se tornado contestador das estruturas e autoridades eclesiais, das denominações e do próprio sistema vigente, e “marxizavam”. Dentro desse ambiente a ABU era questionada na sua posição teológica e ideológica. O equilíbrio era algo difícil diante daquela situação. A tentação de se radicalizar a direita ou à esquerda era grande. A ABUB era, como Movimento, chamada de “liberal” pelos irmãos mais conservadores, e pelos que professavam o liberalismo teológico da época era chamada de “fundamentalista”¹⁹. E muitos dos assessores estavam conscientes de que tinham de escolher o caminho do meio, não por ser meio... mas pelo caminho que Jesus Cristo havia palmilhado, não se identificando com as correntes dos ventos que sopravam, mas buscando o Reino que irá subsistir eternamente. Não pretendiam ser diferentes por ser diferentes, pois a tentação do momento era de se identificar com alguma coisa aparentemente mais forte do que a ABU. Mas a orientação que os irmãos da Comunidade davam ao Movimento, através de Hans Burki, Samuel Escobar e René Padilha, ajudava a ABUB a visualizar o que era ser seguidor de Jesus Cristo, dentro da confusão.

Os estudantes da ABU, os que sinceramente tentavam evangelizar, bem como os assessores, tinham de enfrentar os estudantes “politicizados” que não aceitavam nenhuma conversa a não ser “diálogos com terminologia política”. Assim sendo o livro Diálogo Entre Cristo e Marx, de Samuel Escobar, foi de grande ajuda, no sentido de dar uma visão sintética da ideologia Marxista confrontada com o Cristianismo.

Foram de valor inestimável as Missões Universitárias com conferências organizadas em diversas faculdades, versando temas como Marxismo e Cristianismo, Impossibilidade da Liberdade Humana, Decadência da Religião. A convivência com homens como Samuel Escobar, com o seu dom de mestre, ouvindo-o em

suas conferências e vendo-o expor o Evangelho, a partir de assuntos pertinentes a época e do interesse geral dos estudantes, faziam com que os abeuenses se fortalecessem em sua fé, perdendo um pouco do complexo de minoria e da timidez na evangelização que caracterizavam muitos dos comprometidos com a ABU. A orientação que os líderes estudantis receberam, tanto a nível nacional com a nível continental, foi a razão de não sucumbirem diante dos desafios e demandas apresentadas na época.

Os seminários de Capacitação de Líderes Estudantis que a Comunidade (CIEE) organizava, ano após ano, (1966, 1967, 1969) influenciavam diretamente o andamento da ABUB. Os assessores recebiam treinamento em Lima, juntos de colegas da América Latina.

Com a revolução de 1964, muitas das organizações que atuavam no meio da juventude, bem como no meio das igrejas evangélicas, deixaram de atuar, especificamente as do Concílio Mundial de Igrejas e suas diversas agências. Mas muitas cabeças pensantes e a liderança dos jovens estavam sob a influência da União Latino-Americana de Juventude Evangélica que logo mudou o seu nome para União Latino Americana de Juventude Ecumênica, bem como da União Brasileira de Juventude Ecumênica. As igrejas evangélicas lutavam para procurar sua identidade, tentando se definir diante do ecumenismo que vinha de Genebra.

Os assessores eram desafiados a orar de joelhos diante das dificuldades e tinham de se preparar intelectual e teologicamente, além de terem de se informar da situação política e teológica da juventude evangélica e universitária da época. A pressão sobre os assessores sobre o que se deve atualizar diante de inúmeras correntes teológicas era tão grande que por vezes se tornava opressão e fardo pesado a ser carregado.

O ambiente universitário era lavado pelas ideologias. Um jovem ao ingressar na faculdade passava necessariamente pela lavagem cerebral do tipo político-ideológico. Dia e noite, noite e dia, o assunto que se discutia na Universidade era ideologia, justiça social, política estudantil, política operária, mudança de estruturas. A Igreja Católica, através de sua pastoral, criava grupos como a

“Juventude Universitária Católica”(JUC), para orientar os universitários católicos; a Juventude Estudantil Católica (JEC), para orientar secundaristas; e a Juventude Operária Católica (JOC), para ajudar os trabalhadores. Mas nesse período pós-64 esses grupos se transformaram em partidos políticos e começaram a funcionar clandestinamente, influenciando grandemente a vida universitária. Moços e moças um pouco mais vivos eram requisitados a participar dos pequenos grupos de estudos e eram intensamente trabalhados com a ideologia socialista. Belo Horizonte era palco de coisas contraditórias: um dia o púlpito da Igreja Metodista Central amanheceu pichado. As mesmas frases de contestação que se liam em vários muros das cidades estavam desenhadas nas paredes que rodeavam o púlpito, com frases e slogan políticos contra pastores, bispos e missionários da denominação. Os seus autores eram membros da juventude da própria igreja. Isso é apenas um pequeno exemplo de como os jovens estavam suscetíveis a toda modalidade de comportamento que vinha de fora. Chocante e alarmante para muitos membros da igreja, doloroso para os líderes, peso a ser compartilhado por todo o verdadeiro Corpo de Cristo.

No cenário internacional, a Teologia declarava “a morte de Deus” através do bispo John A. T. Robinson, trazendo interpretações e conseqüências funestas para a igreja evangélica, por um lado. Por outro lado inaugurava-se na Califórnia a “Era Satânica” com Anton LaVey. O mundo preparava-se para receber a invasão de outras tendências muito diferentes das acostumadas a assistir. Depois dos movimentos políticos de estudantes que assolaram as universidades, começava a despontar aqui e ali o hipismo e as drogas, como contestação ao que estava estabelecido, e as portas se abriam para o misticismo e o satanismo declarado²⁰.

COLHENDO FRUTOS

Em meio à pressão e luta havia frutos aqui e acolá...

Em Belo Horizonte, um estudante de Medicina, Credival Silva Carvalho, filho de lar evangélico, participava do grêmio estudantil como tesoureiro, e vinha sendo trabalhado com estudos e doutrinação ideológico. Mas o Espírito de Deus estava se

movendo e começou a inquietá-lo, a partir de um acontecimento: a invasão da Checoslováquia pelo exército Russo (primavera de 1968). Quando se questionava diante desses acontecimentos, recebeu um convite de Samuel Marques, colega de escola, para participar do grupo da ABU de Belo Horizonte. Naquele dia quem falava e dasafiava os universitários com a mensagem do Evangelho era o jovem pastor Wadislau Gomes Martins, que na sua juventude também havia abraçado a ideologia marxista e militado no partido, mas que, encontrando-se com Jesus Cristo vivo, havia se tornado discípulo do Nazareno. O pastor Wadislau chamou os estudantes de covardes, naquela tarde. Disse-lhe que muitos deles estavam dispostos a se aventurar com as ideologias, com as drogas e com o sexo, mas que ninguém estava disposto a se aventurar com Jesus Cristo. Credival disse consigo mesmo: “Covarde, não vou ser. Vou me aventurar com Jesus Cristo”. E a sua aventura continua até hoje, nos sertões da Amazônia, com médico missionário.

O grupo de Belo Horizonte havia recebido um impulso muito grande quando duas irmãs, Dilza e Dalva Siqueira Brito, decidiram-se a fazer algo para o Senhor, na universidade. Dilza era estudante de Serviço Social e Dalva era ainda estudante colegial. As duas se puseram de joelhos certa noite e oraram: “Senhor, se tu queres que façamos algo na Universidade, usa-nos através da ABU; do contrário, nada queremos”. Assim, algo novo estava acontecendo naquele grupo que há tempo não via mais vibração nem entusiasmo. Dilza e Alva Coutinho, profissional formada em Assistência Social, as duas ficavam sentadas na lanchonete perto da escola para conversar e planejar coisas para o grupo. Assim surgiam idéias, e tinham oportunidade de orar pelo Movimento. Credival Silva Carvalho chegou ao grupo quando a ABU-Belo Horizonte estava começando a se despertar.

Veio ele com perguntas tais como: “Não entendo por que os cristãos não podem ser cristãos as 24 horas do dia”. Um outro estudante que apareceu no grupo de BH foi Ageu Heringer Lisboa. Ele também passava por uma experiência de conversão à fé cristã, abandonando a ideologia que havia abraçado como alternativa de sua vida. O processo começou quando ele ainda estava na

clandestinidade política, lendo um livro de um teórico marxista, para ser melhor naquilo que ele se propusera a ser. Mas Deus começava a tocar em seu coração e, no meio de um turbilhão de dúvidas, Ageu detectou que havia subido num pedestal de ideologia e não queria descer de lá. Com coragem, porém, aceitou o desafio que vinha em forma de uma voz interna, e abandonou o seu orgulho, descendo de onde estava para fazer passar a sua ideologia por um crivo da crítica. Verificou que ela não resistia à crítica... e, daí para voltar à fé que os seus pais lhe haviam transmitido desde criança, passou por lutas, mas veio ao encontro do único e verdadeiro caminho para Deus: Jesus Cristo.

Um recém-convertido entusiasmado pode revolucionar um grupo de cristãos tímidos. Foi mais ou menos assim em Belo Horizonte, onde muitos estudantes foram atingidos: espíritas, drogados, crenes igrejeiros passaram por experiências de real conversão.

Numa das viagens de Hans Burki pelas cidades do Brasil, apresentando conferências em Missão Universitária, em 1965 ele chegou até a faculdade de Teologia de São Leopoldo, onde teve a oportunidade de falar aos estudantes daquela entidade. Naquele ano, um estudante seminarista viajou mais de 20 horas para ouvir mais vezes o professor suíço, quando em São Paulo, apresentou várias outras conferências e foi preletor de um retiro para estudantes.

Os anos se passaram, e em 1969 provavelmente muitos poucos se lembravam da passagem daquele professor suíço, pois São Leopoldo então era muito diferente. A geração de estudantes havia passado e fora substituída por uma outra.

Arzemiro Hoffman, estudante de segundo ano, estava meio insatisfeito com sua vida. Cursava uma escola para formar pastores e teólogos, mas algo lhe faltava. Resolveu um dia jejuar e desapareceu do “Morro dos Espelhos”, como era conhecido o local onde ficava o seminário teológico.

Alguns dos colegas mais íntimos e chegados, como Valdir Steuernagel, Renatus Porath, Arno Paganelli, percebendo a ausência do colega, quiseram saber por onde Arzemiro andara. Na

realidade ele não queria responder às perguntas que lhe faziam, mas intimidado a confessar, expôs a razão da sua ausência: a busca de algo mais profundo, uma vida mais perto de Deus. Com surpresa Arzemiro ouviu seus inquiridores responderem: “Mas, é isto que também procuramos”. Deste incidente nasceu a Ação Bíblica Universitária de São Leopoldo. (ABU de São Leopoldo). O objetivo era de se reunirem periodicamente, em oração e estudo bíblico, e aprofundar na fé. Os estudantes de teologia precisavam formar tal grupo?

Mais tarde o grupo tomou conhecimento, numa revista, da existência da Studenten Mission in Deutschland (SMD), na Alemanha, que é a ABUB de lá. Os seminaristas resolveram escrever para a SMD pedindo auxílio e orientação para a ação cristã dentro da faculdade. Estabeleceu-se a comunicação Alemanha-São Leopoldo, Alemanha-São Paulo (ABUB) e Wayne Bragg, como Secretário Executivo, recebeu uma carta, informando existir esse grupo no Sul. Mais do que depressa o Secretário Executivo foi estabelecer contato com a ABU de São Leopoldo. Este grupo teve um papel importante na história da ABUB, pois os seus frutos, de pastores assessores, e de estudantes que vieram a participar no ministério da obra estudantil, são inúmeros. Esses frutos também têm servido como fermento para benefício da Igreja Luterana.

4. CHAMADOS A SERVIR

MELHORANDO O TREINAMENTO

Em Petrópolis, num sítio encrustado numa das montanhas da Serra da Mantiqueira, com muita beleza natural e muita ordem e limpeza que os proprietários tentaram manter, realizou-se o IPL de 1970, com a duração de 21 dias. Lá estava reunida toda a família da ABU, os assessores e os líderes estudantis. De acordo com Robinson Cavalcanti, este foi um dos melhores Institutos de Preparação de Líderes. Mais uma vez, o espírito de perfeição do Secretário Executivo Wayne Bragg funcionou para planejar o evento nos seus mínimos detalhes. O Dr. Bürki novamente veio colaborar neste IPL. O Dr. James Mannoia, reitor da Faculdade de Teologia Metodista Livre, contribuiu com algumas palestras sobre filosofia e teologia.

As palestras do Dr. Bürki não consistiam de informações intelectualizadas, mas atingiam o âmago da vida dos estudantes, quebrando estruturas mentais, costumes adquiridos na tradição evangélica, atingindo o coração dos estudantes e, sendo assim, nem sempre o grupo estava preparado para receber tudo o que tentava transmitir. Mas ainda que os resultados não tenham sido imediatos, os participantes levaram a sério os estudos, que marcaram muitas vidas: de assessores, de estudantes e de profissionais.

Ficou na história de muitas vidas o dia do silêncio. Trinta e tantos participantes do IPL tiveram que ficar a sós, em silêncio, não tendo nada a seu lado, quer seja livro, rádio ... apenas um caderno e uma Bíblia eram os seus companheiros naquele dia que para muita gente parecia não acabar. A experiência foi inédita, porque muitos tinham medo de ficar a sós, medo de se conhecer, de se ver, de se ouvir. Mas a graça foi maior do que o medo e o perfeito amor lançou fora o temor e todos voltaram à sede central um pouco mais integrados. Alguns ficam nas matas da serra, outros escalaram o monte e lá ouviram Deus chamá-los para o ministério. Um deles foi Dieter Brephol, compartilhando que Deus havia falado com ele, separando-o para o ministério.

Dentre vários líderes estudantis estava presente Elezabeth Coutinho de Barros, estudante de pedagogia de Recife. Neste IPL ela decidiu entrar no ministério estudantil, sentindo o chamado de Deus para começar a assessoria no Recife, ajudando Robinson Cavalcanti, que já atuava no campo. Orlando Kalil esteve com sua esposa, recém-casados ainda. No IPL ele decidiu também tornar-se assessor de tempo parcial. A Ação Bíblica Universitária de São Paulo estava presente na pessoa de Valdir Steuernagel, que tomou conhecimento da filosofia e da estratégia do Movimento estudantil no Brasil, pela primeira vez.

Dieter Brephol, Érica Schellin, Walter Glaser, Jarbas Venâncio Martins, Robert Liang Koo, Carlota Smith, Raquiel Miranda, Mary Elizabeth C. Oliveira, Selva Leo Ribeiro, Luiza e Sara Hayashi, entre outros, lá também estiveram. Num fim de semana, bem no meio do IPL, foi convocado o Congresso nacional da ABUB, naquele sítio de Petrópolis. Alegrias, vitórias ao lado de tristezas e oportunidade de avaliação ... assim foi o Congresso de 1970.

Por um lado o ingresso oficial do Dr. Diniz Prado de Azambuja Neto como presidente do movimento nacional trouxe alegria a muita gente. Alguém comentou com muita satisfação: “Agradecemos a Deus por um homem tão maduro como o Dr. Azambuja, que aceitou a presidência da ABUB”. O nome dele já tinha sido apresentado pelos delegados do Nordeste numa oportunidade anterior, pois o Dr. Diniz desenvolveu por muito tempo o seu pastorado na cidade de Recife, ao lado de exercer a função de arquiteto.

O que causou um pouco de tristeza a todos os congressistas foi a saída de Wayne Bragg para os Estados Unidos. O Secretário Executivo pediu demissão da ABUB, para se ausentar por alguns anos, porque pretendia tirar o mestrado e o doutorado em Aconselhamento Espiritual²¹.

Para esta mesma época, começo de 70, Deus estava planejando o surgimento de uma nova geração de estudantes que iria fazer história nas fileiras da ABUB. O curso de Férias em Goiânia, programado para meados de fevereiro, no acampamento Boa Esperança, foi o cenário para receber esta gente nova. O curso

estava sendo planejado desde outubro de 1969, quando Neuza Itioka viajou para o Planalto Central. Entre muitos contatos estabelecidos, quem de fato ajudou, abrindo as portas da sua casa e fazendo contato com políticos da cidade, falando com pastores e missionários, para tornar possível a realização do Curso, foi a estudante de Pedagogia Duse de Abreu Moura.

O Dr. Russel Shedd estaria nesse Curso, como um dos preletores, e Wayne Bragg, apesar de ter pedido demissão da secretaria, com viagem marcada para julho do mesmo ano, ainda estaria para dar a sua mão. A presença de Robinson Cavalcanti estava sendo insistentemente requerida. Pela misericórdia de Deus, e como resultado de cartas e mais cartas trocadas (cinco), e com a verba providenciada para viajar de avião, Robinson esteve no Curso para falar sobre Brasil, Universidade e Evangelização. O Dr. Russel Shedd abordou o tema Cristologia; os estudos bíblicos, treinando dirigentes, supervisionando os grupos de estudos, ficou com Neuza Itioka. A filosofia do movimento foi abordado por três assessores.

No final do Curso, muito abençoado, o Dr. Shedd disse: “Se não fosse aquela noite, este curso seria como qualquer outro”. O que aconteceu naquela noite? Durante o correr do Curso, Robinson Cavalcanti falou sobre a formação religiosa do Brasil e denunciou o espiritismo como mistura de parapsicologia, demonismo e fraude. Ele estava falando não apenas baseado no seu conhecimento livresco, mas conhecendo profundamente os males do espiritismo, pois toda a sua família era espírita. Hoje toda a família do Robinson é convertida a Jesus Cristo. Dois dias depois dele começar a tratar do assunto, o ambiente do Curso começou a ficar oprimido. Na realidade ninguém sabia o que estava acontecendo: havia depressão, risos incontroláveis no meio de estudantes e um sono perturbador. Estava-se a ponto de ter de interromper o programa normal de estudos bíblicos para orar, porque não havia mais condições.

Todos os 27 abeuenses e os preletores sentaram para começar a orar, quando Ageu H. Lisboa, começou a falar que o nível espiritual do Curso estava caindo. Nisso Robinson Cavalcanti pediu a palavra: “Estou deprimido desde ontem. Não tenho razões para

estar deprimido, talvez eu tenha enfurecido as hostes diabólicas de tanto falar contra elas”. As orações começaram tranquilas, apesar do ambiente oprimido e tenso, agradecendo a Deus por Jesus Cristo ter destruído o poder de Satanás na Cruz do Calvário. Então, logo, o ar pesado e sem liberdade desapareceu para dar lugar a um ambiente gostoso. Todos oraram diversas vezes. Ficou até difícil terminar aquele período de oração. A presença de Jesus Cristo se fez muito evidente naquele lugar. Todos provaram a diferença de um ambiente onde havia opressão satânica e a liberdade que o Espírito Santo através da sua presença. Muitos resolveram os seus problemas espirituais naquela noite. Havia como que uma água cristalina jorrando naquele lugar e todos beberam abundantemente. Muitos tocaram o invisível, e a marca ficou para transformar vidas.

Dessa noite em diante, o Curso mudou totalmente, houve facilidade em aproveitar a matéria que estava sendo apresentada, bem como facilidade na aceitação do outro e no amar um ao outro. Foi nesse curso que Samuel Marques, Wasny Nakle de Roure, Ageu Heringer Lisboa, Dilza Siqueira de Brito foram despertados para um ministério estudantil na ABUB. Outros, como Antonia Leonora van der Meer, de Curitiba, Sonia Maria T. Couto, de Belo Horizonte e Dirce Abreu Moura, de Goiânia, tiveram o seu encontro com Jesus Cristo, mudando os seus valores, para se tornarem seguidoras do Nazareno que tanto as cativou. Todos eles participaram intensamente do movimento estudantil, como líderes locais e muitos deles se tornaram estagiários e assessores do Movimento²².

ENFRENTANDO PROBLEMAS

A ABUB estava diante de uma questão séria: quem assumiria a Secretaria Executiva na ausência de Wayne Bragg? Ele havia decidido deixar o Brasil em agosto de 1970. E, antes d Wayne partir para os Estados Unidos, Manfredo Loitzenbauer, um profissional ex-abeuense, velho combatente nas fileiras do movimento, em Porto Alegre, veio subitamente a São Paulo para se colocar no lugar do Secretário Executivo, aceitando o convite da ABUB.

Manfredo era considerado o eterno ex-candidato à assessoria do Movimento, pois reiteradas vezes o convite lhe havia sido feito para participar do ministério estudantil, mas ele nunca havia de decidido a aceitar o convite. Ele era formado em Filosofia e Teologia e trabalhava como funcionário do Banco do Brasil.

Manfredo teve que enfrentar um problema bastante delicado, logo que iniciou a sua secretaria. O grupo de São Paulo, na tentativa de adequar a mensagem do Evangelho ao contexto do época, e para facilitar a comunicação da mensagem, havia tentado inovar uma série de coisas, inclusive mudando o nome de Aliança Bíblica Universitária para Comunidade Universitária Cristã. Até este ponto não havia mal nenhum e a preocupação dos estudantes de São Paulo e a iniciativa da inovação parecia até muito louvável. Mas a coisa não ficou aí, quando o grupo de líderes, e especialmente os mais intelectualizados, começou a pensar em mudar em termos das Bases da Fé. A situação estava perigosa.

Não satisfeitos com a abordagem simples e bíblica do Movimento, uma parte do grupo estava tentando modificar os conceitos básicos do cristianismo e mexendo nas verdades imutáveis e absolutas da fé cristã. Começou o período de muita conversação, diálogo, tentativa de compreender um ao outro, muita discussão. O próprio grupo de São Paulo se dividiu em fiéis aos princípios do Movimento e nos inovadores. Os primeiros advogavam que não havia necessidade de complicar a mensagem tão simples da salvação. Os outros estavam a estas alturas do acontecimento bastante influenciados por alguns professores de teologia que não compactuavam com a posição do Movimento.

Foi u período difícil e muito delicado, especialmente para os assessores que haviam gastos dias, meses e anos do seu tempo em ministrar a esses estudantes. Os assessores que estavam mais perto eram forçados a orar e usar de todos os meios para conversar e convencer os estudantes. A vida de oração e devoção profunda do Manfredo ajudou a suavizar a travessia desse período difícil.

Pouco antes da saída de Wayne Bragg, em julho de 1970, realizou-se um mini-IPL que começou a definir o problema que agora estava em ebulição. Foi o momento de controvérsia, foi a

hora onde se dividiu águas, foi o encontro que definiu posições. Como já foi dito, uma parte da liderança do grupo de São Paulo, sob a influência de professores de Teologia liberal, estava questionando as Bases da Fé, querendo modernizar os conceitos das verdades eternas.

Inicialmente não parecia ser posições definitivas, mas com o tempo a radicalização do grupo se fez clara, e não mais possibilitou diálogos e conversas honestas em clima de tranquilidade. René Padilla, assessor e Secretário Geral da CIEE, presente no IPL, contornou o problema com muita habilidade, na época. Mas o germe da rebelião e da manipulação política estava tacitamente presente no meio estudantil. De julho de 1970 a 1971 as negociações continuaram, e as posições estavam irreconciliáveis.

Em 1971, em março, na ocasião do Congresso Nacional, quando se votou pela alteração de alguns itens dos Estatutos, a proposta de São Paulo, da COMUC, não passou. A proposta era de abrir lugar para estudantes de outras posições teológicas como por exemplo, a católica, para participarem da diretoria local, diretoria nacional, etc. O Congresso, representação máxima da ABUB, reafirmou a linha evangélica e confessional do movimento. O Congresso preferiu conservar intacto o artigo dos Estatutos que determina que os líderes locais e nacionais devem ser vinculados a igrejas evangélicas, reafirmando a posição tradicional do Movimento.

Em abril de 1971, depois de cartas e mais cartas trocadas com Robinson Cavalcanti, que havia diagnosticado o problema; depois de noites indormidas, de noites longas na tentativa de conversa e diálogo com o pessoal da COMUC, Neuza Itioka, que era a assessora de São Paulo, resolveu passar dez dias em retiro de oração pelo problema que as ABUB estava enfrentando, pois já não era só um problema de um grupo isolado, mas começava a afetar todo o Movimento. Para ela o problema da divisão e a conseqüente retirada do grupo dissidente do Movimento constituía-se numa espécie de Calvário, onde o seu ministério de alguns anos teria que ser crucificado e morto. Os estudantes, por quem mais tempo se

dedicara, estavam deixando o Movimento por discordarem basicamente das convicções bíblicas da ABUB.

E assim aconteceu: sem mais discussões, sem nenhuma atitude drástica, o grupo se foi. Mas a saúde espiritual voltou a todo o corpo da ABUB. Alguém havia predito: “É como câncer; se o tumor é removido, a saúde volta ao corpo todo. A nossa luta não é contra carne ou sangue, mas contra os principados e potestades dominadores deste século...” Se alguém, nesta hora, não ficou de joelhos em oração, ficou fora da luta. É necessário ensinar, falar, transmitir, conversar, esclarecer, mas é necessário orar e orar.

Depois de algum tempo comentou Robinson quanto ao seu empenho na ocasião: “Nunca sofri tanto na minha vida, como naquele IPL; em nome da ortodoxia, empenhei armas na força da carne, mas a luta envolvia um aspecto espiritual”.

Depois da morte, do Calvário, da crucificação, existe sempre uma ressurreição²³.

Por anos a luta do Movimento Estudantil em todo o mundo tem sido este: “os que confiam no poder regenerador do sangue de Jesus Cristo e os que não crêem no poder regenerador da cruz do Calvário”, assim se separam os fiéis e os infieis.

Foi assim que aconteceu também no movimento internacional, no início do século, quando a CICCUC teve que se definir diante da Federação Mundial de Estudantes²⁴.

Em breve chegavam no Escritório Central notícias de diversos grupos no Brasil, relatando como Deus estava atuando no meio estudantil: a saúde espiritual de fato havia voltado ao corpo da ABUB. Era Belo Horizonte, tomando novas formas de comunhão entre os estudantes, dando ênfase à célula de dois, às reuniões de oração atraindo muitos estudantes, e sendo a ABU uma presença dinâmica na cidade. Toda uma geração de estudantes havia sido treinada na liderança estudantil através da célula a dois, baseada na antiga apostila de célula a Dois, quando o livro “O Melhor é Serem Dois” nem havia sido ainda publicado. O grupo do ITA, Instituto Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos, descobrira o poder da oração diária, sob a liderança de Robert Liang Koo, atraindo e convertendo vários estudantes. O grupo de São Luís,

tomava forma; os de Fortaleza e Natal se organizavam, com visitas dos assessores do Nordeste. Curitiba experimentava o despertamento de cristãos e via novos convertidos. A partir deste ano Werner Haueser passou a ser assessor de Curitiba.

RECEBENDO AJUDA

Estes anos foram também anos em que o movimento nacional enfrentou problemas financeiros, apesar da Comunidade (CIEE) colaborar com 50% do orçamento anual, porque ainda não havia um corpo de doadores que regularmente participava com suas ofertas.

As dificuldades financeiras não permitiram que Manfredo Loitzenbauer viajasse para o Nordeste para levar palavras de encorajamento e estimular os assessores. Todo o vasto Nordeste ficava nas mãos de Robinson Cavalcanti e de Elizabeth Coutinho de Barros, e ambos davam tempo parcial ao Movimento, pois ambos eram professores universitários e não era fácil dar continuidade ao trabalho iniciado por Dionísio Pape. Nem sempre as igrejas compreendiam bem a filosofia do Movimento, e a ABUB nem sempre recebia o apoio que deveria receber, por parte dos pastores. Mas Deus levantava estudantes que conseguiam captar a visão da obra e estes teimavam em levar avante os seus ideais de evangelizar os colegas nas faculdades, apesar de nem sempre serem compreendidos, por estarem participando ativamente num grupo evangélico, fora das estruturas eclesiais.

O papel da CIEE, ou seja, dos assessores da Comunidade da América Latina, continuou sendo de suma importância na formação de uma nova mentalidade, no treinamento de líderes e no desenvolvimento da ABUB. Em 1971 um grupo de cinco brasileiros, entre eles assessores e profissionais, estiveram no IV Seminário de Capacitação de Líderes Estudantis, em Lima, seminário esse que vinha moldando os líderes da ABUB.

Entre os presentes estavam : Manfredo Loitzenbauer, Secretário Executivo do Movimento; Arzemiro Hoffman, líder da Ação Bíblica Universitária; Mary Cleme Silvério, profissional de São Paulo; Elizabeth Coutinho de Barros, assessora do Nordeste; Ruth Morais,

profissional de Belém, prestes a ser convidada para ser assessora auxiliar na sua cidade. Neuza Itioka esteve neste curso como preleitora. Os trinta dias de treinamento ampliaram a visão dos brasileiros no Corpo Internacional e afirmaram as suas convicções básicas de chamado de Deus para a ABUB.

Uma Missão Universitária foi realizada pelo Círculo Bíblico Universitário de Lima. Milhares de estudantes ouviram falar de maneira tão clara o Evangelho, em suas classes, com televisão em circuito fechado. Seminaristas tiveram o privilégio de participar, munidos da “Bíblia na Linguagem de Hoje”, de folhetos e com muita vontade de compartilhar. Tudo isso causou profunda impressão em todos os participantes. Era de fato notório o que a maioria daqueles estudantes estavam ouvindo pela primeira vez o Evangelho numa Universidade, da boca de alguém que estava no mesmo nível acadêmico de formação dos seus docentes universitários. O ambiente universitário limenho também estava em ebulição e a conferência era muito própria: “Diálogo entre Cristo e Marx”. Então se desenrolava a luta da ideologia e da fé para conquistar os corações apaixonados dos universitários.

Tanto em janeiro de 1971, como em julho do mesmo ano a CIEE esteve presente para assessorar os estudantes participantes do IPL em Juiz de Fora e num Curso de Férias em São Paulo, com René Padilla apontando aos estudantes a natureza da vida de discipulado: “negar a si mesmo, tomar a sua cruz e seguir os passos do Mestre”.

Em julho do mesmo ano Samuel Escobar também veio assessorar o IPL que aconteceu em Souza, perto de São Paulo.

O IPL DE SOUZAS

Por que o estudante gaúcho chorou, ao se despedir? Eram rapazes e moças chorando porque sabiam que tão logo não voltariam a conviver como fizeram naqueles dias, em Souza. Foram duras semanas de intenso trabalho, de estudo, de oração e discussão.

“ser cristão” na Universidade, hoje, não é fácil: defrontar-se com o desafio do marxismo, com o convite do existencialista, com

o culto da tecnologia e da ciência, e ainda a preguiça da maioria amorfa e inexpressiva. Cada qual trouxe o seu conflito para resolver, e as perguntas deveriam ser respondidas.

Todos tiveram ampla liberdade de falar e questionar. Alguns deles eram líderes de diretórios acadêmicos, ou estudantes que antes de sua conversão estavam seriamente comprometidos com outras ideologias; por serem crentes em Jesus Cristo estavam em conflito: o que fazer, como fazer, como viver o cristianismo? Seria apenas ser “bonzinho”?

Ser estudante cristão é ser Cristo em todos os caminhos e lugares, envolvendo-se com pessoas e situações; é ser sal para salgar; ovelhas no meio de lobos; é ser luz nas trevas... E o que significa ser sal, luz, ovelhas?

É estar no mundo como peregrino, mas amar os homens e o lugar para onde foi enviado com verdadeiro sentido de missão.

Samuel Escobar nos ajudou nestas reflexões: evitemos a tentação de monasticismo evangélico (entrar num monasticismo mental para estar longe do mundo) e a constantinização (dominar o mundo pelo poder, pelo dinheiro, pelo prestígio). Pactuados com a verdade, estejamos comprometidos com uma pessoa, atuemos em grupo como Corpo, para demonstrar a ação do Espírito Santo em nós e através de nós. Sejam um Sinal, onde vivemos e estudamos, crendo que somos únicos no gênero.

No IPL impressionou-nos, por seu caráter, a vida do profeta Jeremias, nos estudos bíblicos. Ele foi o profeta de lágrimas que, em obediência absoluta a Deus, no cumprimento da sua missão suportou sofrimento e amargura.

Aquele estudante que não soube por que veio para o IPL, foi dizendo não ser cristão e esperava por uma transformação, passou sim por uma Metamorfose. Era Eurico Shoenardie que se convertia nessa oportunidade. Um outro estudante passou por uma “fossa” porque descobriu que fazia de Cristo e do cristianismo um meio de se servir e não de servir a Deus. Sua vida era o centro, e o Senhor não tinha o lugar que lhe correspondia. Depois da decepção conseguiu se entregar, numa dependência total. Era o Credival Silva Carvalho. E, numa noite o grupo, depois do café, permaneceu em

roda cantando. No início cantaram folclore, e mais tarde hinos de louvor a Deus, e acabaram orando até às duas da manhã. Estes foram momentos em que muitos perceberam a festividade e a superficialidade de suas vidas. Deus estava chamando o pessoal à ordem: muita contrição, confissão e compartilhar; e todos foram preparados para “o dia a sós” com Deus. A coisa não fora planejada; não houve artificialidade; ninguém estava produzindo o ambiente ideal para quebrantamento e confissão, mas aconteceu.

O pessoal saiu também pela cidade de Campinas, dois a dois, à semelhança dos doze e setenta discípulos enviados, para ouvir os campineiros e também para compartilhar o que tinha de mais precioso. Foram pelas ruas do centro, em lanchonetes, em edifícios, pelos bairros, e entraram até em hospitais. No início tinham muito receio, mas no fim estavam muito felizes porque o povo estava aberto e muito aberto para ouvir a mensagem de Cristo. É verdade a seara está branca e pronta para a ceifa²⁵.

AFIANDO FERRO COM FERRO

Uma outra contribuição da CIEE no decorrer desses anos do desenvolvimento da obra universitária no Brasil foi a constante presença do Dr. Hans Burki também nos IPLs. Havia uma preocupação no coração do Dr. Burki; ele desejava formar uma liderança masculina forte dentro do Movimento. A condição que ele havia estabelecido para a sua volta ao Brasil era poder organizar uma convivência com 15 a 20 estudantes rapazes com quem pudesse passar 30 dias, ou seja, mais de 4 semanas. Até janeiro de 1972 era necessário convocar esses 15 a 20 rapazes com tempo disponível para receberem um treinamento especializado. Cartas, contatos, conversas pessoais foram feitos entre o Escritório Central, as regiões e os assessores. Por pouco o Dr. Burki não veio em janeiro de 1972. Mas tudo estava preparado; a escolha dos 15 já havia sido feita, e confirmada a presença de todos eles. Diante de uma carta que citava e descrevia os 15 nomes, descrevendo as qualidades e os ministérios, e o nível de interesse, o Dr. Burki não encontrou outra alternativa se não cumprir o prometido no ano de 1970, e veio.

As primeiras duas semanas foram gastas em IPL com cerca de 50 estudantes líderes juntamente com moças e rapazes de todo o Brasil. Ali, no Instituto Cristão de Castro, no Paraná, estiveram grupos representativos desde Natal, Rio Grande do Norte, até o Rio Grande do Sul.

Depois de duas semanas, os 15 rapazes conviveram mais uma semana com o Dr. Burki no mesmo lugar, e a última semana passariam na praia de Caiobá, Paraná, com estudos e com um programa de evangelização. O objetivo desse treinamento era formar rapazes a serem mais homens, com o lema “Como o ferro com ferro se afia, assim o homem ao seu amigo”. Nessa oportunidade, os 15 puderam ver e experimentar de maneira prática o valor de uma abertura, franqueza, transparência entre verdadeiros irmãos na fé, e foram confrontados com as verdades bíblicas e desafiados a serem verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, neste mundo carente.

Hoje muitos deles estão no ministério da Palavra, outros estão como profissionais prestando serviços relevantes à Igreja de Jesus Cristo. Os quinze foram: Arzemiro Hoffman, Manfredo Loitzenbauer, Werner Haeuser, como assessores; Renatus Porath, Zumir E. Penno, de São Leopoldo, Renato Ingang de Porto Alegre; Dieter Brepohl, de Curitiba, Wolodymir Boruszenwski e Robert Liang Koo, do ITA de São José dos Campos; Edgar de Mello, de Juiz de Fora; Ageu Heringer Lisboa, de Belo Horizonte; Wasny Nakle de Roure, de Brasília; José Carlos Barreto, de Uberlândia; Hélio Mendonça, de São Paulo; e Wicliff Costa, de Natal.

Nessa ocasião a CIEE latino-americana realizava um mini-curso de treinamento em Cono-Sur, na Argentina, com duração de 15 dias. Valdir Steuernagel viajou para lá representando o Brasil, e recebeu valioso treinamento²⁶.

5.

CHAMADOS A EXPANDIR

NOVOS MODELOS, NOVOS ADMINISTRADORES

Pressionado pôr precária situação de saúde, Manfre do Loitzenbauer decidiu que deixaria o Movimento depois de julho de 1972, sendo a sua última atividade a participação no Curso de Férias de Rio Bonito.

Uma inovação seria feita naquele Curso de Férias.

Haveria três oportunidades de trabalhos práticos, depois do Curso de Férias. A idéia de trabalho prático havia surgido numa conversa em São Leopoldo, quando Neuza Itioka viajava com planos de ir até a Argentina, em férias. Foi numa mesa de chá, com Valdir e Rénatus, ao trocar idéias sobre a obra universitária. Essa conversa a três deu a Neuza a convicção de que a ABU devia prover alguma coisa prática, ao lado de treinamento e embasamento teórico, nos Cursos de Férias e IPLs.

Os dois estudantes de teologia apontaram a necessidade de se fazer algo prático na área social.

Uma outra pessoa havia comentado da necessidade de treinar os estudantes junto a uma congregação de igreja e havia a informação de que uma das coisas que mais marcava a Intervarsity da Inglaterra era a ajuda que os universitários prestavam junto às igrejas locais, durante as férias.

Naquele ano haveria o Festival de Inverno de Ouro Preto, para onde concorreriam milhares de estudantes de todo o Brasil. Esta oportunidade poderia ser aproveitada para se fazer evangelização através dos abeueses, idéia essa que havia sido já ventilada no IPL de Souzas, em 1971.

Assim, o planejamento foi feito. O Curso de Férias foi programado, e pedia-se a Deus que enviasse 50 estudantes. Estes seriam estudantes que estavam entrando em contato com o movimento. Não haveria quase ninguém que fosse veterano do movimento.

Os cinquenta que vieram de várias partes do Brasil foram divididos em três equipes, depois de duas semanas de treinamento

teórico, para se dirigirem em diversos campos de ação. Com a ajuda da Primeira Igreja Batista de Niterói, que sediou as duas equipes do Curso, uma delas trabalhou com uma favela chamada de Maveroy, situada num dos morros de Niterói, e outra equipe trabalhou numa congregação da Ilha da Conceição, uma terra árida, com um povo indiferente e fechado ao Evangelho. A terceira equipe dirigiu-se à cidade de Ouro Preto. Nesta experiência nova estava presente muito o espírito de aventura característico da juventude, e ao mesmo tempo os estudantes tinham que depender muito de Deus, em oração e no arrojo necessário. Valdir Steuernagel, que estava inaugurando a sua fase de estagiário na ABUB, (19) ficou com a liderança do grupo que se dirigiu a Ouro Preto. Manfredo Loitzenbauer preferiu cuidar da equipe que visitou a favela de Maveroy, devido à sua experiência com favelados no sul; e assim, Neuza Itioka ficou com a liderança do trabalho na Ilha da Conceição.

As duas equipes, da Favela e da Ilha, tiveram que conviver parte do dia, na Igreja Batista de Niterói. As experiências com Deus e a aprendizagem mútua foi muito grande. A eficácia do trabalho, a evidência da presença de Deus no trabalho dependia da qualidade de comunhão que os estudantes tinham um com o outro.

A quebra de comunhão pelo ressentimento, pela amargura, pôr diferenças entre um e outro influenciavam na produtividade da obra de evangelização, diretamente. Um fato interessante ocorreu logo no início do trabalho prático...No segundo dia o pessoal já estava se sentindo exausto. O grupo estava cansado, exageradamente cansado, sem vontade de orar. Não se parecia de modo nenhum com o grupo que estivera em comunhão pôr duas semanas, buscando a Deus intensamente. Aquele Curso de Férias congregou pessoas e estudantes que faziam questão de acordar de madrugada para orar, e outros preferiam ficar até altas horas para orar. A piscina raramente foi usada, porque à tarde, aqui e acolá, os estudantes ficavam em pequenos grupos compartilhando e orando. Até a serenata daquele curso foi deferente. A única participante não-crente do Curso, que recebeu permissão especial para participar, se converteu ouvindo a música e o corinho da segunda

vinda de Jesus Cristo. Mas, agora, na etapa do trabalho prático, havia exaustão. De fato, eles não pareciam os mesmos. Alguém discerniu que aquela exaustão não era natural, era opressão das forças ocultas. Tinha origem espiritual.

Diante de protestos, as equipes reuniram-se em seus grupos respectivos, da Favela e da Ilha, para se prepararem especificamente. O grupo liderado por Manfredo, depois de ter estudado o texto de I Co 11 sobre o “discernir bem o Corpo”, chegou a conclusão de que havia pecado de relacionamento entre os irmãos que estavam convivendo naquela semana. Manfredo dizia que discernir o Corpo de Jesus não seria apenas tomar a Ceia do Senhor com a consciência tranquila, mas estar em comunhão e relacionamento correto com os irmãos.

O pessoal daquele grupo começou a acertar contas uns com os outros, confessando diferenças, amarguras e ressentimentos. Imediatamente a exaustão quase que opressora passou, e a alegria e a liberdade espiritual voltaram no meio dos estudantes. O trabalho prosseguiu para o crescimento de cada participante. Durante aquela semana de trabalho prático, por diversas vezes, estudantes que se desentendiam um com o outro, humilhavam-se e reconciliavam-se para prosseguir no trabalho de visitação, de evangelização e de orientação.

A equipe que trabalhou na Favela contava com futuros médicos, dentistas, assistentes sociais e educadores; estes davam orientação sobre coisas básicas de higiene, de alimentação, etc, sem esquecer é claro de apresentar e Evangelho. Usaram recursos até mesmo áudio visuais para educar o povo da favela.

Tanto a equipe da ilha como a que se dirigiu a Ouro Preto enfrentou momentos felizes e duros, quando houve dificuldades e até resistências por parte de alguns estudantes e de alguns habitantes da Ilha. Mas as casas se abriram para receber o grupo de estudantes, e geralmente o convite que se fazia era bem recebido.

UMA MULHER NA SECRETARIA

Com a despedida de Manfredo Loitzenbauer da ABUB, voltando para Porto Alegre, Neuza Itioka foi impelida pelo C.D. de

junho de 1972, e pela Diretoria da ABUB, a assumir o cargo de Secretária Executiva²⁷. O Movimento estava praticamente sem assessores, pois, depois de um ano de trabalho, Werner Haueser resolveu voltar para os Estados Unidos para solucionar alguns problemas que ele havia deixado pendentes, antes de sua vinda.

Bill McConnell, assessor da IVCF dos Estados Unidos, fazia então contatos por carta com a Diretoria da ABUB, e chegaria em agosto. E nos primeiros meses ele teria que se familiarizar com a língua, não podendo fazer quase nenhum trabalho.

Quase a metade do Brasil ficaria nas mãos da Secretária Executiva, a partir de agosto de 1972. Então os estudantes universitários foram desviados a assumir a sua responsabilidade. Era a hora da ABUB testar se o Movimento era assessor-cêntrico ou estudante-cêntrico. Na despedida de Manfredo Loitzenbauer, no próprio Curso de Férias de Rio Bonito, o desafio foi feito: “Ou a ABUB regride ou vocês estudantes vão tomar responsabilidade com o obra da nossa terra.” Respondendo a esse apelo muitos estudantes atenderam o desafio, juntamente com outros que haviam sido treinados nos IPLs e Cursos de Férias anteriores. Os líderes estudantis e vários assessores auxiliares tomaram posição de responsabilidade em diversos lugares.

Nesse Curso de Férias, Valdir Steuernagel, veio inaugurar uma nova etapa na ABUB e em sua vida. Inspirado pelos contatos anteriores nos IPLs, Cursos de Férias e no seu contato com assessores da Comunidade latino-americana, Valdir havia escrito ao escritório Central: “Farei qualquer coisa, não importa que seja até trabalho de Office-boy, permitam-me passar seis meses em São Paulo, junto do Escritório Central, para conhecer o Movimento”. E assim ele veio, com objetivo de ficar apenas seis meses, mas a sua permanência na assessoria e na secretaria geral durou muito mais do que ele podia pensar inicialmente. O seu pedido continha o desejo de conhecer profundamente a filosofia e a metodologia do trabalho universitário, mas também continha um chamado de Deus que forjaria neste estudante de teologia o futuro líder e Secretário Geral.

O estagiário passou a participar de todos os aspectos do trabalho do Escritório Central, tendo uma visão do trabalho global. A Secretária Executiva era apoiada por um corpo de profissionais que prestava o seu serviço de administrar o Movimento nacional: a Diretoria nacional do Conselho Diretor da ABUB, composta de Dr. Dinis Prado Azambuja Neto, presidente; Dr. Ross Douglas, vice-presidente; professor Descartes Teixeira, segundo vice-presidente; Milton Azevedo Andrade, diretor de Relações Públicas, Peter Bork, diretor Secretário e Antônio Carlos Cirelli, diretor tesoureiro.

Estes homens vinham trabalhando por alguns anos nos bastidores, cuidando dos aspectos legais e administrativos do Movimento, e tomando decisões gerenciais, ad-referendum do Conselho Diretor²⁸.

GRUPOS AQUIE ACOLÁ

Apesar de pouca assistência de assessores de tempo integral e parcial, os estudantes, líderes de grupos, juntamente com os assessores auxiliares, organizavam acampamentos. Naquele setembro (1972) São Paulo, São José dos Campos, Campinas, Niterói, Belo Horizonte, Recife, Natal e Curitiba, organizaram acampamentos de evangelização. E os grupos começavam ter vidas independentes do Escritório Central. A responsabilidade estudantil estava em funcionamento e novos convertidos eram ganhos.

Foi nesta época que a cidade de São Paulo experimentou a explosão de estudantes mais comprometidos. O grupo havia se reduzido em pequenos núcleos de estudantes chineses,

com a saída do pessoal da COMUC. O grupo estava quase se tornando em “grupo de admiradores mútuos” se uma das estudantes não chamasse a atenção para a evangelização. Começaram a planejar uma reunião aberta para evangelizar os colegas. O grupo era constituído de 15 estudantes; era necessário duplicar o número, ou triplicar. “Vamos pedir a Deus exatamente o dobro do nosso número para a reunião de evangelização”.

E assim trabalharam e oraram; e como se pediu aconteceu: Naquela reunião havia mais de 30. O grupo gostou da experiência e começou a planejar uma outra reunião aberta para evangelização,

que aconteceria daí a um mês, e a sugestão foi: “Por que não pedir o dobro do que tivemos na reunião passada, isto é sessenta?” Assim concordaram e assim oraram. A reunião seguinte contou com mais de 60. Para o outro mês, o grupo pediu a Deus que houvesse a presença de 120, e houve um pouco mais de 120 estudantes. Como frutos dessas reuniões surgiram novos núcleos nas faculdades e em vários departamentos da Universidade de São Paulo.

No Instituto Tecnológico da Aeronáutica, os estudantes cristãos continuaram a orar todos os dias, e a comunhão entre os seguidores de Jesus Cristo estava se tornando notória no Campus. Alguns criticavam, mas outros admiravam, e o Espírito de Deus convencia os estudantes do pecado, da justiça e do juízo. A ABU-ITA dava ênfase à intercessão diária, e Deus operava. Em cada apartamento do ITA moram seis estudantes. No apartamento onde o grupo se reuniu para orar, Sidney Nogueira foi o primeiro a se converter... Há algum tempo ele observava “aqueles estudantes estranhos da ABU”. Os Gideões, juntamente com os abeuenses, haviam distribuído maciçamente o Novo Testamento. Sidney começou a ler as páginas daquele livrinho e a entrar em contato com a Palavra de Jesus. E foi um desastre de automóvel que o fez decidir fidelidade total a Jesus Cristo. A caminho do Rio de Janeiro o carro onde viajava sofreu um batida violenta e o carro virou um amontoado de ferro velho. Ninguém dos cinco que lá viajavam saiu ferido. Logicamente, e do ponto de vista da Física, não havia explicação para tal. Na porta da casa da namorada, falou com ela: Eu vou me render a Jesus Cristo. Não morri por que há alguma coisa nisto tudo. “Alguns dias depois apareceu no grupo da ABU, e lhes comunicou que ele era um irmão.

Seu companheiro de quarto, Carlos Teixeira, ficou admirado e bastante surpreso com a mudança ocorrida na vida do colega. Ele também observava o grupo da ABU, era admirador do Wolodymir Boruszewski, que nestas alturas começava a participar da liderança da ABU local. Teixeira não entendia como um sujeito tão inteligente como Wolô, como era conhecido, podia ser crente. Teixeira não estava satisfeito, apesar do seu espírito crítico; e

andava espiando as igrejas evangélicas da cidade. Numa dessas visitas também se entregou a Jesus Cristo. Como recém-convertido, os dois começaram a orar, e particularmente Teixeira orava pelo Muçulmano Nizan Omar. Este dizia que nunca poderia ser cristão, e freqüentemente comentava em tom de piada: “Se eu virar cristão, minha mãe morre e meu pai vai dar à luz”. Mas Omar se rendeu a Jesus Cristo, quando participava de um grupo que lia e comentava o folheto. “Como Tornar-se um Verdadeiro Cristão” da autoria de John Stott, num acampamento da ABU-ITA. Quem assistisse ao momento em que Omar comunicava o fato da sua conversão ao seu melhor colega e amigo Teixeira, e visse os dois se abraçarem chorar um no ombro do outro, porque a alegria era tamanha, também não deixaria de chorar! Era um lindo quadro! O Espírito Santo agia naquela escola, e assim logo mais um outro aceitou ao Senhor Jesus como seu salvador e, logo, um outro, em menos de um mês, se converteu; e o apartamento virou um apartamento de discípulos de Jesus. Pobre de um que não conseguiu aceitar a proposta cristã...vivia fugindo de lá, pois o “papo” dos colegas era outro.

Era Humberto Henriques, que mais tarde se tornou assessor auxiliar na região do Rio de Janeiro, era Paulo Kurossu que sempre falava com alguém “como vocês falam com Deus”. Era Flávio Laly que no grupo descobriu a veracidade da fé e a autenticidade da vida em Cristo, apesar de ser filho do pastor. Francisco Medeiros não se tornou cristão, enquanto permaneceu no ITA, mas os contatos que ele teve com a ABU foram a semente que o levou a aceitar mais tarde o Senhorio de Jesus Cristo. Conta ele que um dia, ainda quando a droga era sua companheira achegada, aceitou um convite que lhe fizeram e foi participar de uma reunião da ABU, na casa de um professor. Quando o pessoal começou a falar de Deus, ele pensou “todo o mundo está louco”. Mas este Deus com quem o pessoal falava entrou em contato com ele e ele é um cristão até hoje.

Robert Liang Koo que até pouco tempo era líder do ITA deslocou-se para Campinas, como estudante de pós-graduação e, juntamente com Richard Hicks, começou a ativar o trabalho de estudantes na cidade. Richard era missionário da Igreja de Cristo,

interessado em desenvolver um ministério um pouco diferente no meio dos estudantes. Laly Franco Fernandes e Carlos Valim, dois estudantes que tinham participados do Curso de Férias de Rio Bonito, voltaram a Campinas com a visão de um obra estudantil e organizaram um acampamento em setembro, convidando as cidades vizinhas, com excelentes resultados.

E assim as cidades do interior começaram a pedir que o Escritório Central enviasse alguém: Bauru, São Carlos, Araraquara. Em breve estavam sobre as rodas de ônibus Valdir e Neuza para visitar as cidades que já haviam recebido uma equipe de estudantes que os antecedia. Nessa visita pelo interior do Estado de São Paulo, em São Carlos, um missionário inglês, que tinha o ministério volante de treinamento, recebeu os dois intinerantes, abrindo a sua casa para a obra universitária. Era Bill Asbuary, que mais tarde se vincularia com o trabalho da ABUB.

O trabalho no Nordeste, depois de passar pôr um período de dificuldades e aridez, experimentava uma renovação. Em Recife, os estudantes secundaristas se organizavam sob a liderança de Hilquias Cavalcanti. As reuniões inicialmente pequenas começaram a duplicar e triplicar em número. Hilquias assim escreveu:

“Mas a ABS, Aliança Bíblica Secundarista, também é um movimento universitário. Ela termina onde começa o trabalho da ABU e, muitas vezes, cede vez à outra na edificações de jovens estudantes. Como secundaristas da ABS-Recife, já ajudamos a ABU nos estudos bíblicos em diversos pontos da Universidade daqui, direta e indiretamente...Preparar um secundarista no evangelho é entregar um crente maduro à Universidade. Isso não soa como idéia abeuense? Por que não trabalhar de Norte a Sul também com quem vai começar a carreira que estamos fazendo? Universitários abeuenses, movam-se! Estejam orando pôr nós. Precisamos disso. E vamos unir os

secundaristas debaixo da luz do evangelho à sombra da mão protetora da ABU antes que a garra de outras idéias nos tomem irmãos como acontece hoje” (Entre-nós - número 2, 1973)

Para assessorar este grupo de secundaristas que explodia em Recife, o Conselho Regional do NE, sob a liderança de Robinson Cavalcanti, apresentou o nome de Rosália Baia como assessora auxiliar, logo aceita e admitida pelo Conselho Diretor da ABUB.

Robinson Cavalcanti, que dividia o seu tempo de assessoria com a Cátedra Universidade, nunca perdeu a oportunidade de usar os seus talentos de mestre para o serviço da comunidade universitária. No segundo semestre de 1972, em co-patrocínio com o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Rural de Pernambuco e a ABU de Recife, realizou-se todas as quartas-feiras, às 18 horas, o Curso de História do Cristianismo, ministrado pôr ele. Eram setenta matriculados. “Foi um sucesso”. escreveu s assessora Betinha para o Escritório Central.

João Pessoa era outra cidade em que a ABU se desenvolvia, sob a liderança de Carlos Gláucio; e os secundaristas começavam também a se movimentar.

Em São Luís do Maranhão, Joaquim Fortes e Silêda Cavalcanti que tinham estado no Curso de Férias de Rio Bonito, tendo captado a visão do testemunho estudantil e verificado que a oração funciona, resolveram orar todos os dias pela ABU-Local, na praça Gonçalves Dias. Deus começou a acrescentar os que vinham orar, e outros se convertiam em contato com o grupo. Depois de dois meses havia trinta estudantes, mais ou menos, orando naquele lugar. Com iniciativa e responsabilidade estudantil, eles estavam testificando nas suas escolas. Djalma Pereira, assessor auxiliar do grupo, compartilhou da seguinte forma, no seu relatório ao Escritório Central:

“Agora a ABU-São Luís realmente tomou novo rumo de dinamismo, com a chegada de Silêda e de Joaquim Fortes,

do Curso. Estou vendo o que muito esperava no Senhor, um desejo ardente de servir ao Senhor! Sinto que realmente estão cheios do Espírito Santo, preparados para o obra. O grupo está reanimando, reengajado, gostosamente motivado para a obra”.

No Planalto Central, em Brasília, Wasny Nakle de Roure, com Euler Lázaro de Moraes estabelecia um grupo sólido.

Em Goiânia, Dirce de Abreu Moura, que havia se convertido em 1971, tomava a liderança do grupo, com uma nova geração de estudantes. A assessora Iracides Quixabeira é fruto destes anos do trabalho do “Dircinha”.

Belo Horizonte também experimentava uma movimentação dentro dos abeuenses: os frutos dos anos anteriores estavam vingando saudavelmente.

O campus da Faculdade de Medicina era palco de encontro desses estudantes, que foram atingidos pela paixão de alcançar outros para Jesus Cristo. Nas salas de aulas, ao ar livre debaixo das árvores, nos refeitórios, os abeuenses se encontravam para fazer os seus estudos, orar e discutir, e assim nasceu a idéia de se embrenharem pelo sertão como médicos para estabelecerem um trabalho missionário através de um hospital: Samuel Marques, Credival Silva Carvalho, Ciro Caxeta Franco, Altino Mello, Dixon Amorin, Raquel Duarte e depois Euzilene e Ester.

Em Uberlândia, Perrim Smith, abeuense de Belo Horizonte nos tempos de luta brava, estava radicado como professor universitário. Juntamente com Ary Skates encontrava ministério entre os estudantes. José Carlos Barreto também se comunicava com o Escritório Central da seguinte forma:

“A nova paróquia abeuense está toda a vapor. Estamos programando um acampamento evangélico para os dias 26 e 27 deste mês, num lugar encantador. Estamos com muito ânimo.

Teremos cerca de trinta estudantes, no mínimo cerca de 20 não-cristãos com quem viemos conversando sobre Cristo. Esperamos em Deus, queremos que o Espírito Santo atue”.

A ABU no Rio de Janeiro, que pôr muito tempo sofria muitas dificuldades, graças à persistência de Ruth e Lucy Silveira, nos anos difíceis, começou a dar os seus primeiros frutos.

O grupo de Curitiba crescia com uma nova geração de estudantes. O grupo também praticava a intercessão diária. Este grupo foi um dos que mais assessores e missionários produziram: Antônia Leonora, Dieter, Érica, João Alfredo...

O período de 1973 a 1975 foi caracterizado com a expansão em número de grupos e de assessores.

No fim de 1972 havia 26 cidades sediando o movimento da ABU e no final de 1975, 45! Em 1972 os núcleos de estudos bíblicos que funcionavam nas dependências das faculdades não passavam de 20 e no fim de 1975, havia mais de 120 núcleos nas faculdades²⁹.

O número de assessores também foi acrescido; de três assessores e mais ou menos seis assessores auxiliares, no final de 1975 o número subiu para 19 assessores e 11 assessores auxiliares. O crescimento dos grupos e dos núcleos de estudos bíblicos estava acontecendo pela aparente tranquilidade do ambiente universitário sem graves, sem passeatas e o crescente vazio que invadia o meio universitário. Os militantes de ideologias aparentemente haviam desaparecidos, com a repressão de 1968. Não se fazia mais convocações para reuniões de caráter político e ideológico. Mas a onda do misticismo, a mistura do hipismo e as drogas substituíam a antiga efervescência política dos estudantes. A filosofia hedonista, pragmática, materialista e o espírito desenvolvimentista do Brasil grande tomava conta da mente estudantil, influenciando a conduta dos estudantes. E este ambiente nem sempre respondia às perguntas existentes do estudante...e eles buscavam alguma coisa que pudesse satisfazê-los.

EIS-NOS AQUI PARA O MINISTÉRIO ESTUDANTIL

De repente a ABUB estava enfrentando a situação de que o número de candidatos a obreiros começava a aumentar. Na realidade, em julho de 1972, havia três assessores para o Brasil inteiro. Em agosto de 1972 Bill McConnell chegou ao Brasil com a sua família e participou em 1973 da assessoria do grupo de São Paulo e do trabalho no Escritório Central. Werner Haeuser voltou em 1973, em janeiro, e dirigiu-se para o Sul, em Curitiba. Os missionários da União Evangélica Sul Americana começaram a se oferecer para trabalhar com a ABU. Bill Asbury, que abria sua casa em São Carlos, pertence a essa missão. Henry e Beth Bacon, e John Griffin formalizam a sua vinculação com o movimento.

A União Evangélica Sul Americana (UESA) é uma missão inglesa que trabalha para suprir as lacunas da igreja brasileira, servindo naquilo que podem e ela (UESA) realiza o seu congresso anual em julho. A assessora Neuza Itioka havia sido convidada para falar sobre o trabalho da ABU, bem como expor a situação universitária para a qual a ABU havia sido chamada. Então toda a situação do mundo estudantil sem Cristo é apresentada. Mas também é apresentado o poder de Deus que, nessa situação, converte os corações de líderes marxistas, que faz com que estudantes espíritas encontrem-se com Jesus; que permite que antigos seguidores tenham o seu reencontro com o Senhor.

A realidade do Movimento também é apresentada com apenas três assessores no campo: Robinson Cavalcanti e Elizabeth Coutinho de Barros no Nordeste, e Neuza Itioka para o resto do País, com alguns assessores auxiliares, e com a perspectiva de Bill McConnell chegando, e Werner Haeuser voltando. O desafio ficou e o pedido de oração foi respondido. Dentre aqueles que ouviram, alguns sentiram o chamado de ajudar este Movimento...E assim Bill e Cherry Asbury, o casal Bacon, e John Griffin entraram no Movimento.

Valdir Steuernagel havia inaugurado a posição de estagiário em São Paulo. Logo mais um outro estudante de teologia, quartanista,

mostrou vontade de participar da mesma experiência. Também fazia parte do grupo Ação Bíblica Universitária de São Leopoldo. Começou o seu estágio em São Paulo, no início de 1973; Era o Renatus Porath, que acabou dando um ano para a ABU.

Dieter Brepohl também começou o seu estágio no Escritório Central, depois de ter passado um mês no Seminário de Capacitação de Líderes em Lima, Peru. Foi pela visão e percepção de Bill McConnell que a Secretária Executiva foi aconselhada a insistir que Dieter viesse a São Paulo estagiar pôr um ano. Humanamente falando havia muitos obstáculos para que isso pudesse acontecer. O convite foi feito; foi aceito e Dieter se engajou no ministério estudantil!

Carlos Lachler, que já tinha sido assessor da ABU no interior de São Paulo, começou a cooperar com os profissionais e com os estudantes nos acampamentos e encontros.

A partir deste ano de 1973, Dionísio Pape, que estava radicado no Canadá, começou a dar um mês pôr ano à ABUB, todos os verões, ajudando em IPLs e Cursos de Férias.

No Nordeste Bill Wilson começou a ser sondado e também começou a cooperar mais e mais com o ministério estudantil.

Pouco antes dos candidatos ao ministério estudantil começarem a aparecer desta forma em grande número, no Escritório Central era constante a oração: “Senhor, levanta obreiros para a seara universitária. Senhor, levanta rapazes e homens”. A sensação de inadequação acompanhou sempre a Secretária Executiva, Neuza Itioka, pelo fato de ser mulher. Em todos os cantos pôr onde ela ia o comentário era de que ABUB não podia continuar a ser representada pôr uma mulher.

Deus foi fiel e respondeu às orações, levantando muitos assessores.

Em São Paulo, no Escritório Central, formou-se uma equipe. Não mais eram um nem dois. Era uma equipe. Semanalmente os assessores sediados em São Paulo começaram a se reunir para considerar a estratégia e a tática do trabalho, planejar viagens para diversas partes do Brasil, compartilhar orar, e produzir materiais de estudo e de orientação sobre discipulado.

O trabalho em equipe enriqueceu a vida dos assessores, ampliando a visão, amadurecendo o seu relacionamento um com o outro, obrigando-os a serem mais pacientes um com o outro, a morrerem para si e viverem para os outros. Para quem estava acostumado a fazer a um ou a dois tudo muito rapidamente, foi um aprendizado fazer as coisas em conjunto. Do ponto de vista de tempo aparentemente o rendimento podia parecer vagaroso, mas no seu resultado total, como equipe, e como corpo, o produto final era mais vantajoso.

A lista de assessores auxiliares também crescia: Djalma Pereira (São Luís); Rosália Baia (Recife); Dison O. Silva (Viçosa); Uriel Heckert (Juiz de Fora); Perrin Smith (Uberlândia); Ruth Moraes (Belém); Ruth Silveira (Rio de Janeiro); Robert Liang Koo (Campinas); Arzemiro Hoffmann (São Leopoldo); Antonia Leonora van der Meer

(Brasília); e Carlos Gláucio (João Pessoa)³⁰.

ATIVIDADES DUPLICADAS

Em termos de atividades foi um ano de duplicação de esforços e realizações, devido à demanda do crescimento do Movimento. Houve simplesmente três IPLs: um em Garanhuns, outro em Porto Alegre e um em Mogi das Cruzes; os dois primeiros em janeiro e fevereiro, e o terceiro em julho. Houve seis Cursos de Férias Regionais e 35 acampamentos locais. Os profissionais se reuniram em seis acampamentos, durante o ano. Em São Paulo, Dna. Aline Douglas liderava os estudos dos profissionais e organizava os acampamentos para famílias. Havia possibilidade dos profissionais levarem a esposa e os filhos, pois havia apartamentos para famílias e pessoas especializadas para cuidar de crianças³¹.

Garanhuns, no seminário Presbiteriano, foi o local que sediou 56 estudantes que vieram de todo o Brasil. Havia gente de Porto Alegre até Belém. Apesar do calor intenso, os estudantes responderam bem à programação e a equipe local do Recife trabalhou muito bem para organizar esse IPL.

Seguindo a inovação do Curso de Férias de Rio Bonito (1972), aqui também o grupo participante foi dividido em três equipes de trabalho: uma trabalharia na Favela do Zumbi, a segunda equipe trabalharia numa congregação presbiteriana do Cordeiro, e a terceira trabalharia na praia de Boa Viagem. Mas no final decidiu-se que tanto a equipe da Favela como a da Congregação deveriam participar da evangelização na praia e na Universidade de Recife, onde estava se realizando Cursos de Verão.

Os primeiros 10 dias de Garanhuns foram separados para dar a base teórica sobre liderança, filosofia do movimento, apologética, estudos bíblicos, tudo sob o tema “Maturidade e Obediência”.

Dionísio Pape, Robinson Cavalcanti, Neuza Itioka e o estagiário Valdir Steuernagel foram os preletores para o IPL.

Para o trabalho prático, todo o grupo foi deslocado para a cidade de Recife e alojado no seminário Presbiteriano do Norte. No trabalho prático de uma semana, muitas vezes os estudantes se sentiam desorientados no como ajudar os favelados de Zumbi, mas foram feitas visitas às casas para compartilhar o evangelho, dando orientação sobre as necessidades básicas: higiene e alimentação do povo.

Todo o grupo poderia visitar a Universidade de Pernambuco, que nesse verão sediava diversos alunos do Brasil inteiro para o Curso de Verão, e assim poderia praticar a evangelização pessoal com os estudantes.

Os contatos que se estabeleceram nas praias também foram impressionantes para muitos estudantes. As equipes de evangelização saíam de dois a dois, pedindo que Deus preparasse com quem iriam entrar em contato para compartilhar o evangelho. O pessoal notou muita abertura no meio do pessoal com quem falava. Numa noite, para finalizar o trabalho de evangelização, organizou-se uma reunião aberta, onde o pátio do Seminário Teológico Presbiteriano do Norte encheu-se com cerca de 300 pessoas, muitas das quais souberam da reunião através dos contatos

que os abeuenses fizeram nas praias e no Campus da Universidade de Pernambuco.

Robinson Cavalcanti tomou a palavra para dirigir a mensagem evangelística aos presentes. Durante os fins de semana, enquanto o grupo permanecia em Garanhuns e em Recife, diversas igrejas receberam a visita de equipes de abeuenses que iam participar do culto e apresentar o Movimento, levando uma mensagem cantada, testemunhos de estudantes e até mensagem pôr alguns dos assessores. Muitas igrejas assim foram tocadas e não raras vezes os pastores se comoviam visivelmente com tanta vibração e dedicação que se verificava no meio dos estudantes. Uma das músicas que mais foram cantadas e apresentadas, foi o “Pai Nosso” do Wolô.

Saindo do IPL, ainda um grupo de abeuenses passou pela cidade de Salvador para fazer um trabalho prático, numa congregação situada não muito longe da capital baiana, Peri Peri. No verão tropical abafado, onde os quartos de dormir se transformavam em saunas, vários estudantes dormiram em redes carinhosamente preparadas pelos crentes que receberam a equipe. O dia começava cedo: às cinco da manhã os irmãos da congregação presbiteriana estavam acordados para orar antes de se dirigirem ao trabalho; e muitos estudantes também acordavam para acompanhá-los. A cidadezinha foi visitada intensamente de casa em casa e todos os dias, em algum lugar, seja em casas ou no templo, havia reunião. Os crentes membros daquela congregação foram despertados e os abeuenses estimulados com a experiência que enriqueceram as suas vidas, pois sentiam-se recompensados com a alegria de servir ao Senhor no meio de um povo simples e pobre, mas rico na fé, na esperança e no amor.

Arzemiro Hoffmann, assessor auxiliar da região Sul, organizou um IPL, sob a supervisão do Escritório Central. Renê Padilla foi o preletor convidado e, juntamente com Donald Richman, pastor de universitários designado pela Igreja Luterana do Brasil, ministrou os estudos para quase 40 estudantes, precedentes desde Goiás até o Rio Grande do Sul.

Os trabalhos práticos foram realizados em duas comunidades luteranas com problemas bastante peculiares. Para muitos estudantes a situação foi novidade...mas enfrentando situações novas, criando coisas novas, improvisando situações, os estudantes praticaram a evangelização nas casas, e organizaram reuniões com jovens, crianças e adultos.

A confissão de um estudante de teologia do Rio de Janeiro foi muito impressionante, depois de ter convivido com o grupo: “De repente, no meio do IPL e do trabalho prático, descobri que havia perdido toda espontaneidade da fé. Inicialmente não me conformei com os estudantes de outras áreas, como medicina, física, engenharia, que com toda simplicidade pregavam o evangelho. E quando eles o faziam havia autoridade, porque eles viviam aquilo, havia poder porque eles oravam dependendo de Deus. Eu me senti envergonhado, pois em mim encontrei apenas um coração endurecido e um orgulho de estudante de teologia”. Confissão corajosa esta, e este moço saiu transformado, mais convicto do seu chamado ministerial.

Os profissionais também tiveram dois encontros nacionais no primeiro semestre do ano. Deus despertava os profissionais para uma vocação cristã, e para o apoio ao trabalho estudantil. Toda a geração de abeuenses do passado vinha sendo despertada. A Diretoria, dirigida pelo Dr. Ross Douglas, estava sendo instrumento para Deus ordenar o trabalho dos profissionais.

O potencial a ser explorado era ainda tremendo³².

A multiplicação de acampamentos e de Cursos de Férias significava crescimento no número de estudantes interessados no testemunho estudantil e a conversão de não-cristãos. Mas o fato não trazia apenas euforia, havia preocupação mui sincera e honesta diante da explosão de grupos e núcleos. E, assim, um assessor escreveu, em seu relatório: “Temos tido muitas conversões, mas também temos tido grandes dificuldades em fazer estes estudantes se integrarem numa igreja local. Temos orado e procurado ensinar várias coisas. Mas na nossa avaliação temos chegado à conclusão

de que nem sempre temos ensinado “todo o conselho de Deus”, como fazia o apóstolo Paulo. A necessidade de ensinar “todas as coisas” que o Senhor nos ensinou nos preocupa sinceramente”³³.

O IPL de julho de 1973, em Mogi das Cruzes, reuniu pessoas de diferentes formações: Pedro Arana, então assessor do CIEE para a área do Caribe e autor de livros como Providência e Revolução, viria como preletor principal. Dr. Chen, professor de Física Nuclear da Universidade de São Paulo, discípulo de Watchman Nee; Raul Sanchez, irmão chileno, entusiasmado com Juan Ortiz da Argentina; e o Rev. Wumbrandt, autor do livro Torturado pôr amor a Cristo viriam também.

O ministério de Pedro Arana, com exposição bíblica sobre maturidade e Discipulado, trouxe novos enfoques e os estudantes cresceram. A figura madura em Cristo, o homem quebrantado, foi apresentado por Dr. Chen através dos estudos de Salmos 120 a 135.

Novamente o grupo foi dividido em equipes para fazer trabalhos práticos, depois da parte teórica.

Dentre os acontecimentos marcantes neste IPL destacou-se a luta espiritual que se desenvolveu em oração e jejum para libertar um profissional que estava em Mogi das Cruzes, pôr razões de força maior. Este jovem profissional havia confessado a Cristo, poucos meses antes, mas desde então começou a sofrer perturbações muito estranhas, que se manifestavam nas horas de oração e nos momentos de louvor. Havia um pacto de ocultismo na vida dele, e neste IPL os espíritos imundos se manifestaram de maneira violenta. Os estudantes cresceram muito com a experiência, e o rapaz ficou livre da casta demoníaca, depois de seis meses de luta.

O trabalho no Nordeste sob a liderança de Robinson, e com a ajuda de Betinha, de Rosália e de Carlos Gláucio, desenvolvia-se muito bem. Além de multiplicar os acampamentos, organizar reuniões abertas de evangelização em Recife, João Pessoa e São Luís com 200, 300 e 400 estudantes vários núcleos nas faculdades, foi organizada nesse semestre uma Jornada Teológica, com o Dr.

Carl Henry. O encontro teve uma repercussão excelente no meio do povo evangélico, prestando um grande serviço de educação teológica às igrejas do Nordeste.

Depois de uma viagem pelo Nordeste, visitando Belém, São Luís, Fortaleza, Recife, João Pessoa e Maceió em vinte dias, participando de alguns acampamentos a avaliação da Secretária Executiva foi: “Em todo o Nordeste a ABU tem uma ótima penetração nas igrejas e os estudantes tem respondido muito bem aos desafios e apelos dos assessores. Mas há carência em todas as áreas: estudos bíblicos, doutrinação, treinamento individual, e também os assessores precisam de orientação. Pôr isso no próximo verão estamos planejando um Curso para os assessores. Já escolhemos até a data. Teremos o Dr. Burki conosco, mas gostaríamos de ter Chua Wee Hian, também”³⁴.

A PRETENZA AUTOCTONIA

Em 1973, no “Entre-Nós” número 2, o seguinte artigo foi publicado:

“Desejamos e queremos, como ABUB, movimento de estudantes para estudantes, ser autóctones. O que significa autóctone? Etimologicamente, quer dizer ser próprio da terra. Mas quem conhece a história internacional do movimento estudantil, está cansado de saber que a sua origem remonta ao século XIX, está na Inglaterra.

Como ainda ousamos dizer pretensamente que somos autóctones, próprios da terra?

Estamos a caminho. Desejamos ser um movimento autóctone. Esse é um dos nossos objetivos.

Pretendemos ser um movimento que possa responder às necessidades da nossa realidade universitária. A ABU somos nós, os estudantes, os assessores, os profissionais. Ela não é a organização, mas pessoas, os membros dos grupos, os participantes do seu ministério.

Então o fato de podermos ser autóctones está vinculado com o que cada um de nós é: estudante universitário, secundaristas, profissional, assessor.

Somos estudantes verdadeiramente despertados para com o problema universitário?

A apatia é uma das características marcantes do ambiente universitário.

A ilusão do progresso e do desenvolvimento pôr vezes nos ofusca e não nos permite enxergar o que de fato está acontecendo. É a corrida pela carreira, pelos estágios, pôr um lugar ao sol da vida profissional. Claro que tudo isso é legítimo e importante para os cristãos, desde que colocado dentro das perspectivas de serviço ao Reino. Mas o que significa, para nós, buscar o Reino a sua justiça em primeiro lugar, no contexto da vida estudantil? O que significa ser sal da terra e luz do mundo aqui e agora, na universidade? Estamos sendo sal para salgar e luz para brilhar nas trevas? Somos um grupinho isolado da vida universitária ou estamos vivendo nela sendo Cristos pequenos?

Há algumas coisas que nos animam; pôr exemplo, a iniciativa de estabelecer grupos para fazer discípulos nas faculdades. Glória a Deus pôr esta iniciativa.

Os estudantes tem sido o elemento de proliferação dos grupos em diversas cidades. Pedro Arana, caracterizou a autoctonia como aquela qualidade do movimento se auto-propagar. E isto salutarmente tem acontecido. No primeiro semestre de 1973, verificamos o início de alguns grupos de ABU's, alguns em estágios embrionários: São Carlos, São José do Rio Preto, Ribeirão Preto, e São José dos Campos (já organizado) em São Paulo; Fernão Velho em Alagoas; Machado e Ituiutaba em Minas Gerais. Outra meta para a qual o Movimento caminha é o seu auto-sustento. Mais e mais profissionais e estudantes brasileiros passaram a participar do sustento da ABUB, enviando ofertas. Louvemos ao Senhor do ouro e da prata, de toda fortuna e riqueza.

No dia 30 de junho de 1973 o Escritório Central precisava de Cr\$5.000,00 (cinco mil cruzeiros) para fechar a Caixa e estávamos às vésperas dos IPLs e Cursos de Férias, com grande necessidade de dinheiro. Os assessores se reuniram e oraram pedindo que Deus resolvesse o problema naquela semana. E Deus atendeu às orações, enviando o dinheiro da região Sul e de São Paulo em dois dias, respondendo com Cr\$9.000,00. Mas ainda não temos alcançado a autonomia financeira, total. É necessária alcançá-la para ser um movimento autóctone...³⁵

NOVOS VENTOS

Do ano de 1970 para cá, a juventude evangélica experimentou um modismo de equipes de jovens que cantam, dão testemunho do que aconteceu em suas vidas para assim evangelizarem, e visitando as igrejas. Como culminação deste fenômeno vimos nos fins do ano de 1972, pôr ocasião da visita de David Wilkerson ao Brasil, fundador do Desafio Jovem americano, dezenas de conjuntos que se apresentavam em equipes. Eram grupos espontâneos de jovens que se aglutinavam para cantar, formavam o seu conjunto vocal para fazer o trabalho em igrejas, colégios, ruas, praças... Alguns deles se transformaram em missões e outros se diluíram no ministério da igreja local e outros simplesmente desapareceram, com o tempo A ABU também sofreu influência desse fenômeno e a música foi grandemente usada nas visitas às igrejas. Os estudantes criavam as suas músicas e corinhos, como Wolodymir Boruszewski, que mais tarde lançou o seu disco, criando um novo estilo para louvar o Senhor. Levi Tenório de Brasília, Hialmar d'Haese de Curitiba e muitos outros compunham músicas e corinhos. E, no final, os corinhos e músicas compostos pôr estes e outros autores foram juntados num livro que é o nosso Vamos Cantar de Novo.

O movimento de Renovação tanto nas igrejas batistas como nas presbiterianas, influenciou de alguma forma os grupos das ABU's, ora trazendo o fervor necessário, ora ameaçado dividir o grupo.

Como movimento estudantil que trabalha com todos os membros das igrejas evangélicas, a ABU foi chamada a não tomar nenhuma posição quanto ao movimento do Espírito Santo, conservando a abertura para os irmãos pentecostais avivados, renovados e os conservadores, tradicionais.

Alguns líderes da ABU perceberam claramente que o que dividia era a imaturidade e o radicalismo, tantos dos que se dizem avivados como dos que se dizem tradicionais. Verificou-se, mais de uma vez, grupos salvos de uma cisão pela maturidade e equilíbrio de estudantes que optaram pôr uma convivência do sectarismo. E este fato tem sido uma bênção no sentido do Movimento poder servir à maioria das denominações

Robinson Cavalcanti sempre dizia, aconselhando os estudantes nas visitas às igrejas: vamos levar o despertamento à igreja tradicional com sua falta de vibração e vamos levar o ministério da Palavra às igrejas pentecostais e renovadas.

Soube-se que, numa época de muita aridez e dificuldades que o Movimento do NE passava, estudantes pentecostais adentraram pelas matas para passar horas de intercessão pelo movimento estudantil e pelas vidas dos assessores³⁶.

LITERATURA É TAMBÉM UM MINISTÉRIO

A primeira incursão da ABUB no campo da literatura foi em conjunto com a Edições Vida Nova, através da Junta Editorial Cristã, quando a partir de 1962 foi publicado o Novo Comentário Bíblico, obra produzida pelo movimento da Inglaterra. Posteriormente foi publicado também o Novo Dicionário Bíblico, de mesma origem.

Posteriormente à vinda do Dr. Burki em 1965, quando ele realizou a Missão Universitária, proferindo conferências em muitas universidades e faculdades, surgiu a idéia de aproveitar o material (que fora gravado em fita) e assim publicar livretos, que seriam úteis como literatura pré-evangelística.

Isso foi feito, e assim foram publicados, em 1966, os livretos “O intelectual Ante o Problema da Fé”; “Psicologia e realidade da Fé Cristã” e “A Busca Humana pôr um Significado Permanente na

Vida”. Estes livretos foram mais tarde revisados e republicados, em 1975. Além desse esforço isolado, o Movimento produziu, ainda, dois livros, no período de 1965 a 1972: o livro de Robinson Cavalcanti Cristo na Universidade Brasileira, e o livro de Dionísio Pape Um e Um fazem três. Neste período foram editados, ainda, apenas para distribuição interna, o estudo bíblico “Cristo, o Revolucionário Permanente”, o livreto “Não concordo com Deus” e o material para uso dos grupos “Bases para Ação. Fora isso muitas apostilas mimeografadas haviam sido também produzidas, além dos periódicos “Intercessor”, “Alcance” e “Entre-Nós”, regularmente publicados.

O Movimento ressentia-se, porém, da falta de literatura própria. A estrutura administrativa do Escritório Central, pequena como era, não permitia então que se pudesse produzir literatura em maior escala.

Foi somente em 1973, após a chegada do Bill McConnell, que foram tomados os primeiros passos para implantar um plano de produção de literatura. Bill e Milton A. Andrade dispuseram-se a fazer alguma coisa nesse campo, e assim constituiu-se uma Comissão de Literatura, composta desses dois mais a Neuza Itioka. Os primeiros passos na produção de livros teriam que ser feitos em co-edição com outras editoras, já que a ABUB não dispunha nem de experiência nem de registro como distribuidora. Assim, produziu-se inicialmente o livro Como Compartilhar Sua Fé de Paul Little, em co-edição com Vida Nova; e o livro A Morte da Razão de Francis Shaeffer em conjunto com a Editora Fiel.

Os planos de produção eram, porém, bastante ousados. Enquanto Milton Andrade trabalhava na editoração de novos títulos, Bill McConnell administrava uma campanha para angariar fundos para literatura, tanto através de ofertas como de empréstimos, do Brasil e do Exterior. A seu encargo ficavam ainda as atividades de produção, em contato com as outras editoras.

Em 1974 a Comissão de Literatura foi grandemente enriquecida com Silêda Cavalcanti e John Griffin, que passaram a integrá-la.

Assim, novos livros foram surgindo: Questões de Ciência e Fé, Amor, Sentimento a Ser Aprendido e muitos outros, já com a marca de ABU Editora, que foi oficialmente estruturada em 1975.

A criação da Editora foi feita em vista de várias razões; dentre elas, porque convinha separar completamente a contabilidade e a tesouraria do ministério de literatura; depois, porque a própria inscrição oficial de uma Editora, facilitaria, em muitos aspectos, questões de natureza legal e fiscal.

Desde a sua criação a ABU Editora tem se preocupado em servir o Movimento, com a produção de livros que interessem principalmente o estudante.

Sua linha editorial é essencialmente bíblica, e as obras traduzidas, tanto quanto possível, são despidas de resquícios culturais e lingüísticos da língua de origem. Seu escopo, porém, é, antes de tudo, produzir literatura de qualidade, de autores nacionais.

TREINAMENTO TAMBÉM PARA ASSESSORES

Os assessores internacionais da CIEE sempre recomendavam que os assessores não criassem, nos estudantes e nos grupos, um espírito de dependência. O modelo apresentado era o apóstolo Paulo.

O segredo, diziam, não está no sucesso enquanto os assessores trabalham, mas depois da sua saída, como ficará a obra. Esta sempre foi a meta que sempre tentou se alcançar: o trabalho de evangelização, propriamente dito, sempre levado a cabo pelos próprios estudantes!

A mesma coisa se aplica aos assessores em relação à CIEE, pois até os assessores brasileiros receberam sempre o seu treinamento no Seminário de Preparação de Líderes Estudantis em Lima, Peru, ou se fazia na base do ensaio e do erro, imitando os veteranos na assessoria ou com base na experiência do tempo de estudante. Nem todos tinham a oportunidade de viajar até Lima. O contato com os assessores da CIEE, como René Padilla, Samuel Escobar, Pedro Arana e Hans Burki deixava marcas profundas e de certa forma os IPLs serviam de laboratório para os assessores.

Em janeiro de 1974, pela primeira vez, os 23 assessores do Movimento reuniram-se para um encontro só deles. Estiveram presentes os assessores auxiliares, os de tempo parcial, e os de tempo integral. Todos juntos tinham o propósito de avaliar o ministério estudantil, aprender um do outro, e ministrar um ao outro, durante uma semana.

O curso contou com a presença do Dr. Burki que, como sempre, tratava das questões fundamentais e desestruturava as pessoas, para construir de novo numa base mais sadia.

Foi em Areal, em Três Rios, no Acampamento Batista, antes do IPL daquele ano.

Hans Burki sempre chamou atenção ao perigo de uma mulher envolver-se emocionalmente com a obra, a ponto de fazer da obra, do movimento, marido e filho, prejudicando o seu ministério. É necessário um esforço para separar a vida pessoal e a vida ministerial.

A convicção da necessidade de um secretário executivo homem crescia cada dia mais no coração de Neuza Itioka. Sua oração constante era que Deus levantasse homens para a obra universitária. Já num relatório de 1973 ela escrevia: “Psicológica e emocionalmente estou pronta para deixar o cargo de Secretária Executiva. Em toda parte onde vou dizem que mulher não deve ter este tipo de liderança. Mas a graça de Deus tem sido grande e encontro grande alegria naquilo que faço. Nas minhas viagens ao Nordeste o Senhor me usou tanto nas igrejas como nos grupos, nos contatos e no aconselhamento pessoal”.

Na tentativa de treinar os assessores, já no ano de 1974, a Secretária Executiva deixou de participar de uma série de eventos e programas, deixando os assessores e estagiários emergentes tomarem seu lugar. Mas nem sempre isso era a coisa mais agradável para se fazer. Em novembro de 1974, assim ela se dirigiu aos assessores:

“Bem, o assunto principal desta carta são os Cursos de Férias. Estamos às vésperas deles. Alguns de vocês serão

responsáveis pôr alguns cursos. Eu, pessoalmente, não terei nenhuma responsabilidade. Graças a Deus. A sensação é estranha. De repente as coisas que estavam nas minhas mãos estão passando para as de vocês. Mas é assim que se deve fazer, no princípio da multiplicação de líderes. Uma coisa ainda me preocupa: o nível dos Cursos de Férias. Espero que continuemos a melhorar a qualidade de informação e na profundidade da inspiração. Que o Senhor Jesus Cristo seja o Senhor do Curso. Que o Espírito Santo continue a soprar nos nossos encontros. Não nos iludamos, pensando que o ajuntamento de crentes automaticamente crie o céu. Na apostila “Psicologia do Acampamento” (21) podemos ler que nessas ocasiões as forças dos céus e do inferno se concentram. O mero acontecimento do Acampamento e do Curso de Férias não vai mudar vidas.

Espero que vocês, assessores, se disponham em primeiro lugar a obedecer ao Senhor e procurar o padrão que Ele tem para os Cursos. Nada de festividade, nada de superficialidade. Um Curso de Férias mal feito e mal preparado, em vez de beneficiar vai prejudicar os participantes”.

VEJA SÓ...É UM RELATÓRIO

“Um dia a ABU era pequena e fácil de ser controlada, mas hoje ela está crescendo, e sua administração e coordenação se tornam cada vez mais difíceis”, comentou uma vez o Dr. Douglas.

De fato, temos falado, comentado e ouvido que estamos crescendo. Isso nos constrange. Pois devemos perguntar se a multiplicação dos grupos, o aumento do quadro de assessores e funcionários, o aumento de orçamento, se tudo isso é de fato crescimento Neuza Itioka, no seu relatório para o Congresso Nacional da ABUB, em março de 1975, reflete:

“Como estamos crescendo? Em que direção estamos crescendo? Esta é a nossa pergunta. É sadio o nosso

crescimento? É o Senhor que está nos dando o crescimento?

Não nos iludamos com o número de pessoas, nem com o número de atividades. Para Deus tudo isso pode ser apenas palha de madeira; quando vier o fogo, há de se queimar, e não sobrar nada.

Que tipo de vida temos reproduzido na pessoas, nos estudantes, nos colegas e assessores? A ABUB poderá ser uma organização bem equipada e controlada, mas sem a unção do Espírito ela vai significar muito pouco diante do Senhor.

Se somos líderes, nunca poderemos reproduzir a vida de Cristo nos liderados, se Cristo não estiver vivendo em nós abundantemente. Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam. Em vão é o nosso levantar cedo e deitar tarde. Em vão é a nossa ansiedade, em vão é a nossa preocupação. Em vão é o nosso sacrifício.

Devemos nos perguntar se estamos sintonizados com o coração de Deus para esta obra.

A Obra é estudantil. Devemos perguntar se realmente a ABU está sendo estudantil. Os grupos estão dependendo do trabalho do assessor ou dos estudantes? Se o grupo morre pela ausência do assessor, é porque a coisa anda muito mal! Qual é a sua responsabilidade, meu caro estudante, no ministério da ABU? Qual é a medida da sua iniciativa? A ABU é estudantil? Somos de fato um movimento estudantil? Nós nos chamamos Aliança Bíblica Universitária. Quanto de Bíblia estudamos no ano passado? Como tem sido os nossos grupos? A Palavra, o estudo da Palavra tem sido levado a sério? Não apenas no aprender da letra, mas perguntamos se, através do estudo da Bíblia, o Senhor Jesus Cristo está sendo conhecido na sua profundidade, e se está transformando e edificando vidas? Ainda estamos tocando apenas a superfície da águas; não temos experimentado as coisas profundas como resultado do estudo sério da Palavra.

O mundo estudantil muda de tempos a tempos. Há modas e mais modas. A onda de política e de ideologia passou, a de drogas e misticismo está passando no Brasil. O que há de vir? Talvez algo como uma mistura de ideologia e misticismo. Como vamos enfrentá-lo, como filhos de Deus e seguidores de Jesus Cristo?

Qual vai ser a alternativa a apresentar aos nossos colegas? No poder e na lucidez ...Na mente cativa pôr Jesus Cristo, cheio da sua autoridade é que podemos fazer alguma coisa pôr

ele nas faculdades. Estamos preparados? Armar-nos de literatura, conhecer a situação, saber qual é o vento que sopra é importantíssimo; mas ao lado disso, se não formos um Movimento que ora, que sabe ficar de joelhos, e que sabe pôr que ora, declarando a nossa insuficiência diante do Senhor, não conseguiremos nada. Nunca seremos uma Aliança Bíblica Universitária".

OS SECUNDARISTAS SE MOVIMENTAM

O grupo de secundaristas pôr muito tempo vinha acompanhado o movimento da ABU, como apenas um apêndice. Os grupos de secundaristas apareceram porém, em diversas cidades, a ponto de o Movimento ser forçado a oficializar este novo campo de ministério.

O Nordeste já há tempo tinha um movimento forte de secundaristas; Rosália Baia então estava sendo substituída na assessoria aos secundaristas pôr Graça Ataíde do Amaral. Em João Pessoa, Estela Gleide Monteiro começava também a trabalhar com os secundaristas, dividindo o tempo com o Seminário Betel. Em São Luís um dos universitários sentia o chamado para cuidar dos colegiais e ginasianos. Em Niterói, uma profissional, Rosete Azevedo, começou se dedicar ao ministério entre os secundaristas. Na cidade do Rio de Janeiro também os secundaristas se movimentaram sob os cuidados de Wilanildo O. Franco. Em São Paulo Lydia Martins de Souza começou a visitar os grupos de estudos bíblicos espalhados pôr diversas escolas, e organizou um

acampamento e um Curso de Férias para eles. Em Porto Alegre o estudante de teologia Vitoer Westelle tomou conta dos colegas que queriam evangelizar os seus colegas. Em Curitiba Hjalmar d'Haese sentiu o chamado de Deus para este ministério. Em São Carlos, o grupo ficou sendo cuidado pôr universitários. Estes voluntários foram chamados de assessores conselheiros e confirmados nos seus postos da assessoria aos secundaristas no Conselho Diretor.

Como a área de secundaristas era uma área nova e pioneira na América Latina, sem nenhum modelo a ser seguido, os conselheiros lutavam para abrir os seus próprios caminhos para este ministério especial. Em São Paulo onde a maioria da ABS era constituída de estudantes de cursinho, a abordagem do trabalho poderia ser muito semelhante à ABU, mas em outras regiões, como em São Luís, e Recife, onde a grande maioria era ginásiana, a metodologia da ABS forçosamente teria que ser diferente.

ELES SE FORAM, DEIXANDO SAUDADES

Existem páginas tristes em cada história, Nestas páginas temos que contar a história de heróis abeuenses que tombaram em plena luta.

Foi em fevereiro de 1975, quando nem acidente morreram Elizabeth Coutinho Sales de Barros, a nossa Betinha, a Abel Miranda Lopes, ambos assessores da ABUB.

A morte dos dois assessores aconteceu no meio de uma viagem de trabalho. Saíram do Curso de Assessores em Mogi das Cruzes, perto de São Paulo, para se dirigir a um Curso de Férias em Salvador.

Betinha seria responsável pelo mesmo. No carro onde viajavam estavam: no volante Abel, com seu irmão na frente. Atrás estavam sentados Dionísio Pape, Ingrid Newman, uma profissional de Recife, e Betinha. Neste acidente Dionísio teve ossos da costela fraturados e Ingrid ficou paraplégica.

“Elizabeth Coutinho de Barros, a assessora do NE, desde 1970, professora da Universidade Católica e na

Universidade Federal de Recife, era a pessoa chave do movimento da ABU na região, desde que o assessor Robinson Cavalcanti havia mudado para Niterói. Depois de um período florescente e fecundo no meio de universitários, deixou um vazio nos corações dos estudantes que ministrava, e uma lacuna na assessoria do Movimento”³⁷.

Mais tarde ficamos sabendo que Betinha, antes de sair do Recife para se dirigir a São Paulo, arrumou a sua estante, a seu armário, separou os livros, classificou as cartas, os materiais da ABU e pediu a dona Severina, sua madrastra, que queimasse as cartas confidenciais se ela morresse.

Um mês antes da viagem para São Paulo, em tom de brincadeira, ela falava da sua morte...disse que gostaria que fosse enfeitada com rosas; queria ficar bonita para o seu enterro e que se convidasse todos os abeuenses.

Em Mogi das Cruzes, na véspera da viagem para Salvador, ela sonhou que tinha morrido e comentou que no seu enterro havia muita gente, muitos pastores. Certamente o Espírito Santo a preparava para aquele acontecimento.

Naquele Curso de Assessores Betinha teve tempo de conversar com todos os participantes, compartilhou muito e mostrou um entusiasmo extraordinário para com a obra. Ela havia ainda assumido a incumbência de preparar os estudos bíblicos para o Congresso Missionário, que se realizaria no ano seguinte. A idéia do Congresso Missionário no Brasil a entusiasmava, pois ela havia chefiado uma caravana de brasileiros para URBANA-73 (Congresso Missionário feito pelo Movimento americano). Estava decidida a começar uma nova etapa em sua vida, com responsabilidade maior dentro do Movimento e descobrindo cada dia o privilégio de ser “filha do Senhor”.

Mas as lutas na vida desta assessora eram grandes. Passava pôr momento de angústias, e nestas horas verbalizava o ardente desejo de estar com o Senhor. O mundo, com a sua malícia e maldade, a machucava muito e a feria profundamente. Ela sofria muito. Na carta aos Hebreus lemos: “homens dos quais o mundo não era

digno”. Betinha pertencia a este tipo de gente. Parecia uma criança crescida, com sua conduta e pureza. Realmente era uma flor e o seu perfume ainda o sentimos. O Senhor a colheu para embelezar o seu jardim.

A ABU Editora publicou, in memoriam, um livro seu: Mais lutas do que glórias, que nos possibilita ver quem de fato ela era.

Abel Miranda Lopes, assessor auxiliar do grupo em Fortaleza, veio para São Paulo à procura de um irmão desaparecido e passou alguns dias com os assessores no Curso. O corpo de assessores estava feliz com a sua presença. Ele compartilhou com todos os problemas que enfrentava na cidade, no seu ministério e havia feito um “pacto de oração” com Dionísio Pape e Robert Grant, preletores do Curso. Estariam os três diariamente orando pelos problemas, reconhecendo a soberania de Deus em todas as circunstâncias.

Abel parecia saber que não tinha muito tempo. Corria, corria para cumprir todas as responsabilidades que tinha em suas mãos. Era economista, funcionário de Banco do Nordeste, professor colegial com vários cargos e funções na Igreja Presbiteriana de Fortaleza. Extremamente zeloso das coisas da igreja, da Denominação, queria ver todas as coisas em ordem.

Abel também sonhou que tinha morrido, naquela noite antes do desastre... “Que grande perda”, dizia o Alcance da época, mas sabemos que o Senhor há de transformar esta morte em ressurreição, “pois se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica só, mas se morrer produz muitos frutos” (Jo 12:24).

Estas vidas ceifadas em pleno trabalho foi algo que chocou muitos e despertou centenas de estudantes a serrarem fileiras no testemunho estudantil.

Estas mortes ainda comovem corações de abeuenses e as suas vidas falam alto, inspirando e chamando os abeuenses a serem fiéis à visão um dia adquirida.

PREPARANDO O SONHADO CONGRESSO MISSIONÁRIO

No início de 1975 o Congresso Nacional da ABUB tomou a decisão de dispensar o subsídio financeiro que o Movimento recebia da CIEE.

Nem todos entenderam pôr que a ABUB tomou esta decisão, mas foi a mais acertada. Tem custado sacrifício, mas o fruto está aí. Muitos pensaram, na ocasião, que a decisão de se tornar independente financeiramente da Comunidade era apenas uma expressão de nacionalismo infantil e de arrojo festivo dos delegados estudantes que estavam representando os grupos da ABU. A decisão foi tomada diante da constatação do fato de que no ano de 1975 o Movimento brasileiro receberia de CIEE apenas uma pequena porcentagem do seu orçamento geral, e que havia outras áreas muito mais carentes que poderiam ser supridas com este dinheiro, e ainda diante da verificação de que nem todo o dinheiro que vinha através de CIEE era dinheiro de milionários; muito ao contrário, eram também de homens e mulheres de mãos calejadas, pessoas fiéis ao chamado de contribuir com missões, ainda que em pequena quantidade. Assim os delegados brasileiros presentes no Congresso Nacional da ABUB em 1975, realizado nas dependências do ABECAR, em Mogi das Cruzes, na Serra do Itapeti, aceitaram o desafio de tornar a ABU auto-sustentada.

Quase todas as atividades da ABUB nesse ano de 1975, porém, giraram em torno do preparo do Congresso Missionário, que se realizaria 1976.

De uma certa forma pode-se dizer que a ABUB começou a pensar num Congresso Missionário quando, em dezembro de 1973, uma caravana de estudantes foi para o Congresso Missionário da IVCF dos Estados Unidos, realizado na Universidade de Illinois na cidade de Urbana; e quando Neuza Itioka foi às Filipinas, representando a América Latina na primeira Conferência Missionária para o Extremo Oriente.

Na verdade o sonho de se ter um congresso missionário no Brasil surgira no coração de Neuza Itioka bem antes quando ela, ainda assessora, ouviu o Dr. Russell Shedd compartilhando com os estudantes como havia sido URBANA de 1967, colocado claramente a visão missionária da IVCF americana e a disposição de

centenas de universitários de sair para o campo missionário do mundo.

Já no primeiro semestre de 1974, pôr ocasião da visita de René Padilla, em junho, foram elaborados no encontro de assessores os primeiros esboços para a realização do Congresso Missionário.

Em Agosto daquele ano nomeou-se a equipe de trabalho para o Congresso. Nunca se duvidou da escolha dos nomes e especialmente do diretor que aglutinou assessores e estagiários, treinou e levou a ABUB a organizar o tão esperado Congresso Missionário.

As atividades básicas da ABUB em 1975 além dos cursos de férias e as reuniões de assessores foi as visitas às igrejas, realizadas para a promoção do que viria acontecer em janeiro de 1976.

As visitas de vários assessores às igrejas, a viagem de Dieter Brepohl (responsável pela Comissão de Promoção de Congresso Missionário) pôr todo o País, e a penetração de Ageu Heringer Lisboa, estagiário da região Leste, nas cidades de Rio de Janeiro e Niterói, fizeram com que a igreja e a comunidade evangélica tomassem um conhecimento maior da ABUB³⁸.

Mas a atividade normal do Movimento não foi descuidado. Em maio de 1975 a Secretária Executiva enviou a seguinte carta aos grupos da ABU:

“Prezado irmão, estamos às vésperas do Congresso Missionário. Como você tem levado o ministério da oração pelo Congresso? Se ainda não fomos pessoalmente despertados a orar com amor e com interesse suficiente pelo Congresso, peçamos a Deus pelo Espírito que geme, com intercessor.

E quanto à evangelização? Estamos acomodados, sentados, transformando as nossas ABU's em “clubes de admiradores mútuos”? Ou estamos realmente evangelizando e fazendo discípulos? O Senhor nos disse “Ide!” Ir significa sair das nossas quatro paredes e começar o trabalhar!

A nossa maneira de trabalhar tem se reduzido, muitas vezes, a se satisfazer em só estabelecer um grupo de estudo bíblico na faculdade. Mas será apenas isso que o Senhor tem para nós?

Toda glória seja dada ao Senhor pelo que fez em São Luís. Vejamos o que podemos aprender deles. Claro que São Luís é muito menor do que muitas das nossas cidades, mas que fez o grupo? Planejou uma reunião aberta (de evangelização) para os universitários (capacidade 400 pessoas) num colégio. No dia da reunião o salão estava literalmente superlotado! Houve música, oração, testemunho e mensagem.

Mas o mais maravilhoso de tudo isso, não foi o que já dissemos. Com um mês de antecedência, todo o pessoal da ABU e da ABS trabalhou e se empenhou em convidar pessoas, em oração diante do Senhor. Havia uma equipe trabalhando especificamente nisso: orando e confessando diante do Senhor a incapacidade do trabalho. No dia, durante a hora do trabalho, houve um grupo da ABS orando e intercedendo o tempo todo, enquanto outros estavam ativamente trabalhando.

Irmãos, esses companheiros nossos aprenderam o segredo do trabalho: de um lado saindo das suas quatro paredes, falando, convidando; mas pôr outro, de joelhos, orando e pedindo a misericórdia do Senhor.

Evitemos fazer reuniões abertas onde predomina a “turma da oba-oba”. Evitemos trabalhar irresponsavelmente sem oração, sem confissão. Para reuniões evangélicas, o segredo está no grupo que organiza. Se este está com um só coração, num só propósito, coeso e unido ao redor de Jesus Cristo, se o grupo de fato confia no Senhor da obra, haverá bons resultados.

Ajuntar pessoas é fácil. A multidão está faminta, à procura de algo novo; mas atrair pessoas interessadas em valores eternos não é fácil. Mas se o Senhor se levantar no

nosso meio, cremos que ele atrairá os estudantes: “Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim”.

Nos trabalhos práticos de Cursos de Férias e IPLs temos trabalhando em evangelismo dois a dois: nas faculdades, nas ruas, nas praias. Então pratiquemos nas nossas cidades e em nossos grupos. Por que não programar saídas organizadas de equipes, uma vez pôr semana, ou duas vezes? Equipes de dois de preferência visitando outras faculdades, para abordar estudantes e falar de Cristo? O fato de você ser aluno de outra escola poderá despertar a curiosidade e a maior atenção das pessoas abordadas. Antes de abordar pessoas, as duplas devem orar com a expectativa de que Deus vai atuar. Em todas as nossas experiências nesse sentido, os resultados tem sido positivos e temos tido surpresas muito agradáveis. Organizar Missões Universitárias é uma outra idéia: levar um palestrante ou conferencista à faculdade. Lembro-me de que Chua Wee Hian, Secretário Geral da Comunidade (CIEE), nos contou sobre a sua experiência na Malásia. Quando os estudantes programaram conferência nas faculdades com o Dr. John Stott, Deus abençoou muito. Mas os estudantes descansaram no grande nome de Stott. No ano seguinte eles convidaram Chua Wee Hian, então Secretário Geral para toda Ásia, um jovem de 29 anos. Não puderam descansar no seu nome, pois Chua Wee Hian não tinha a fama do outro. Os estudante tiveram que orar e orar e tiveram que confiar no Senhor.

Os resultados desta segunda Missão superaram os da primeira. O Senhor foi honrado e exaltado e o seu evangelho, proclamado.

Feira de livros A literatura é uma arma poderosa quando inteligentemente usada.

Você não calcula quanto o pessoal está ansioso por uma literatura sadia.

O grupo universitário em Campinas fez uma pequena feira. Os livros saíram rapidamente, principalmente títulos com Cristianismo

Básico e Cristianismo Autêntico. A maior busca era pôr títulos que se referiam a Cristo. As conversas dos estudantes ao redor das bancas revelaram um profundo interesse pelo Evangelho, resultado em ali mesmo fazerem oração e decisão pôr Cristo. Embora não devamos ficar só na distribuição, distribuamos.

O grupo de Belo Horizonte imprimiu onze mil jornais com o título “Quem tem ouvidos ouça” e os distribuiu nas universidades.

Os estudantes leram avidamente. Muitos foram confrontados e desafiados. Os Gideões poderiam ajudar oferecendo os Novos Testemunhos para a distribuição em massa. Que tal experimentarmos? “Se Deus é pôr nós, quem será contra nós”?

Irmãos, usemos a nossa cabeça, a nossa criatividade, para “bolar” coisas novas.

Temos trabalhado intensivamente no sentido de formar núcleos nas faculdades, confrontando o pessoal com o Evangelho. Mas cuidemos que os núcleos não se transformem em esconderijos dos crentes. Ainda temos os folhetos evangelísticos “Gotas da Verdade” para distribuição. Trabalhemos³⁹.

A PERSPECTIVA DA SAÍDA DE NEUZA

O Congresso Missionário estava se aproximando dia a dia, mais isso também significava que o dia em que Neuza deixaria a Secretaria Executiva também estava chegando. A convicção interior de que deveria ficar até depois do Congresso Missionário havia crescido dentro dela, quando orava e colocava o futuro do Movimento e o seu na mãos de Deus.

E assim, em dezembro de 1975, às vésperas do Congresso Missionário, ela escreveu para diretores, secretários gerais,

assessores, assessores auxiliares, assessores conselheiros e presidentes de grupos locais:

“Talvez, irmãos, esta seja a última carta que lhes escreverei, como Secretária Executiva. Estou sentindo o chamado claro de Deus para deixar a Secretaria Executiva e me afastar pôr um ano do Movimento.

Em janeiro de 1976, completo o 10º ano do meu ministério junto à ABUB. Na realidade, não sabia quando e como Deus iria providenciar um substituto ou substitutos. Mas, quando descansávamos no Senhor, ele trabalhava e os seus planos estavam em pleno andamento.

No encontro de assessores em setembro, expus as minhas convicções mais profundas quanto à minha retirada em 1976. E disse estar pensando em dividir a responsabilidade da Secretaria Executiva entre alguns assessores e oramos!

Desde julho, Deus falava a nós sobre o ano de 1976 como ano de grandes mudanças, no que concerne a alocação dos assessores: Silêda iria para o Nordeste, Erica Shellin coordenaria os secundaristas, Robinson Cavalcanti voltaria a Recife, Wasny voltaria também para Brasília e Bill Asbury iria para a Inglaterra.

Mais tarde, no acampamento dos representantes da região Sul, Werner Haueser foi confirmado como assessor pioneiro para o Rio Grande do Sul, e Valdir Steuernagel foi designado Secretário Regional da Região Sul.

E, então, avizinhava-se novembro, e restava a pergunta: com quem ficaria a Secretaria Executiva? Nessas alturas a Comissão de Estatutos trabalhava com a incumbência de reformá-la, e pelo tamanho do Movimento e pela sua expansão, achou-se necessário constituir uma Secretária Executiva com duas ou três pessoas, em vez de ter um Secretário Executivo.

Deus atuou muito no nosso meio, através dos preparativos do Congresso Missionário.

Durante o ano de 1975, constituímos um corpo para trabalhar juntos; cada qual desenvolveu os seus dons e ministérios e Deus estava preparando as pessoas certas para o cargo da Secretaria Executiva.

Estávamos orando e alguns de nós jejuando para a constituição da Secretaria Executiva, conforme os padrões neo-testamentários: “E, promovendo-lhes em cada igreja a eleição das presbíteros, depois de orar e com jejuns os encomendou ao Senhor em quem havia crido, Atos 14:23”.

Veio o encontro de assessores, em novembro, em Curitiba. Os três primeiros dias foram dias de programação para o Congresso Missionário, e os outros três dias para decidir as questões administrativas.

Prezados irmãos, a fidelidade do Senhor é eterna e imutável. Como ele cuida dos seus filhos, do seu povo! O Espírito do Senhor atuou de maneira maravilhosa, quebrantando os corações, trazendo o espírito de profundo arrependimento e confissão de pecados! Foi única na experiência entre os assessores! Aconteceu na terceira noite, quando estávamos para discutir o “Follow Up” do Congresso Missionário.

De repente, o Espírito Santo nos ungiu e nos preparou como equipe para constituir a Secretaria Executiva e confirmar a alocação dos assessores de 1976. Oh! Fidelidade de Deus! Como é maravilhoso...

Quanto se pensou em constituir a nova Secretaria Executiva, eu havia conversado com alguns companheiros de trabalho e dividido a Secretaria em três cargos: Secretário Geral, Secretário Administrativo e Secretário Treinador. E apresentei este plano aos assessores. Neste encontro de assessores restava um problema: quem seriam esses secretários?

Os fatos corriqueiros, o dia a dia vão confirmando as coisas, profundamente dentro de nós...e os nomes eu já os tinha e creio que muito dos irmãos também.

Foi muito significativo Dieter Brepohl ser escolhido pôr unanimidade como Secretário Geral. Aqui estava o homem que Deus estava forjando e trabalhando como aquele que vai encabeçar o trabalho da ABUB.

Alguns poderão dizer que as: “armadura” são grandes para Dieter. Lembra-se, Davi não conseguiu andar com as armaduras que Saul lhe colocou para enfrentar Golias? Mas, ele enfrentou e trouxe vitória para Israel! Queremos e procuramos um super-homem e super-assessores e super-Secretário Executivo.

Mas é quando colocamos “a mão na massa”, andando pelas faculdades, ministrando estudantes, falando a pastores e igrejas e chorando com os estudantes, aconselhando-os e sendo aconselhado, é que se vai forjando o obreiro, o assessor.

E, Dieter passou pôr todos os processos, desde calouro, estudante abeuenses, líder do grupo local, estagiário, assessor do grupo de São Paulo e Deus confirmou o seu ministério pessoal e ministério do grupo.

A escolha foi solene...sentimos muita confirmação do Senhor na escolha do nosso irmão. Para o cargo de Secretário Administrativo foi escolhido Bill McConnell. Este homem tem experiência com administração! Tem uma experiência de seis anos como diretor de área nos Estados Unidos. Claro que as coisas aqui no Brasil são muito diferentes. Mas Bill aprendeu nestes três anos, a duras penas, que aqui as coisas funcionam diferentemente!

Para o cargo de Secretário Treinador foi eleito Bill Asbury. Ele confirmou, durante este ano, como Diretor do Congresso Missionário, ser o homem certo para este cargo. Demonstrou grande capacidade de liderança e poder de aglutinar pessoas ao seu redor para treiná-los. O Senhor o levou pelas águas bravas e mansas, durante este ano...e ele assumirá o cargo em janeiro de 1977, quando voltar da Inglaterra. Assim, irmãos, constituímos a Secretaria Executiva, a ser referendada pelo Congresso.

Gostaria que vocês orassem muito pelo Congresso Nacional para que Deus confirme e desconforme esses irmãos”.

Durante o ano de 1975, os assessores e estagiários estiveram em reuniões bimensais trabalhando incansavelmente pelo Congresso Missionário. Todos arregaçaram as mangas para dar o máximo. Estabeleceu-se um profundo sentido de comunhão entre os assessores, mas também apareciam rugas entre um e outro, e Deus mostrava a necessidade de humilhar e acertar o relacionamento ressentido, para que o trabalho do preparo do Congresso Missionário prosseguisse.

Em novembro toda equipe de obreiros estava reunida, para fazer aquele preparo. Foi neste ambiente, onde prevaleceu a unidade, a confissão, é que aconteceu a escolha da nova Secretaria Executiva.

O PRIMEIRO CONGRESSO MISSIONÁRIO (CURITIBA, 1976)

“O primeiro Congresso Missionário Brasileiro foi uma coisa maravilhosa para apreciar e experimentar que Deus está fazendo alguma coisa. A ênfase brasileira foi muito diferente das convenções missionárias americanas, que normalmente apresentam dezenas de agências missionárias prontas para entrevistarem os candidatos (desconfio que este tipo de coisa só funciona no mundo capitalista). Sem estas agências os latinos estão vigorosamente buscando e abrindo campos pioneiros pôr novos modelos de missão e ministério. Por exemplo: jovens profissionais como sustento próprio estão formando equipes para trabalhar e testificar juntos em áreas ainda não evangelizadas.

Fiquei muito impressionada com tais exemplos. Um jovem médico visionário compartilhou os problemas terrivelmente difíceis que a sua equipe está enfrentando em comprar hospitais para estabelecer um serviço para a causa do Reino de Deus. A sua fé no grande Deus resplandecia e a nossa própria foi aumentada e enriquecida”⁴⁰.

Ada Lum
Assessora Da Comunidade no
Extremo Oriente

Sob o tema de “Jesus Cristo, Senhorio, Propósito e Missão” foi realizado o primeiro Congresso Missionário da Aliança Bíblica Universitária do Brasil na cidade de Curitiba, em janeiro de 1976.

O Congresso Missionário nos moldes em que se organizou saiu do esquema de vários congressos comuns em todo o território nacional; deixou de ser “apenas mais um Congresso”.

Sob o liderança dos assessores do movimento nacional, procurou-se entender a mentalidade do nosso povo e, ao mesmo tempo, ser inovados naquilo que se podia inovar.

Deixando o ar festivo e superficial, o Congresso Missionário foi um congresso sério, que reuniu gente séria.

Procurando dar uma visão da realidade do homem caído, e do mundo caído, procurou-se o Senhorio de Cristo que quer se soberano tanto na vida de um ministro como na vida de um profissional; proclamou-se que Jesus Cristo está chamando cada um de seus seguidores a ser-lhe obediente com a sua profissão, dinheiro e dons.

Novos modelos de ação missionária, condizentes com a realidade brasileira e latino americana, foram procurados insistentemente, desde então. Muitos os tem encontrado; outros acham-se na fase de ensaio e erro. Dezenas de projetos missionários...

E há algo se movendo em todo o Brasil, não em formas visíveis ainda. Mas a semente lançada no Congresso Missionário de Curitiba está germinando.

Missão e igreja são inseparáveis. Se fazemos parte da Igreja, se somos a Igreja, também somos missionários, aqui na universidade, ali junto com os pobres, na favela ou em além-mar, onde formos enviados.

CONCLUSÃO

A ABU cresceu no meio da Igreja de Jesus Cristo acompanhada de vários movimentos de jovens: Palavra da Vida, Mocidade para Cristo, Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, Navegadores, Vencedores pôr Cristo. Todos estes movimentos tem moldado a juventude evangélica de alguma forma e a ABU recebe deles a sua influência, seja ela direta ou indireta.

Não resta dúvida que Deus tem usado esses movimentos para levar muitos jovens a se comprometerem com Jesus. Os frutos são as vidas que estão presentes nas igrejas e também nas próprias ABU's.

São pessoas que nasceram de novo, passaram pôr uma experiência cristã real de conversão e amam ao Senhor. Mas a falta de um ministério posterior, uma orientação para onde se dirigir, como crescer, que modelo seguir, poderá fazer desta juventude aquela que copia apenas o linguajar espiritual do crente sem uma realidade de vida cristã; que adota a gíria e os clichês evangélicos, para se acomodar aos modelos já existentes, sem trazer nenhuma inovação.

É uma grande verdade que a juventude evangélica brasileira não tem sido treinada a levar em conta a mensagem cristã na sua totalidade. Em consequência, quase que esquecem-se da ética cristã. Nos momentos de crise verificamos confusão e uma total falta de orientação, porque as pessoas não estão acostumadas a raciocinar à luz da Palavra de Deus, nem serem guiadas pelo Espírito para aplicar as verdades à situação vigente. Estarão prontos para os dias difíceis que hão de vir? A massificação em termos experimentais está bem galopante.

Quando ouvimos jovens falando, quase que inequivocamente conseguimos enquadrá-los dentro de tais e tais movimentos. Será que a ABU cai na mesma? Alguns grupos não adotaram uma mente crítica e elitista? Outros não tem atraídos apenas “certos tipos” de estudantes? Massificamos a nossa maneira.

Não temos demonstrado no passado um pouco de auto-suficiência como se fossemos o “dono da verdade”? Por algum

tempo, na nossa adolescência, como Movimento, orgulhávamos de ser diferentes das igrejas evangélicas, afirmando não possuir os mesmos defeitos. Condenando os nossos irmãos, caímos em outras armadilhas.

Portanto, a necessidade de auto-avaliação como movimento é constante. Que tenhamos um espírito humilde e a consciência clara de que fazemos parte do corpo universal daqueles que foram perdoados pôr um único Senhor e que nossa vergonha como movimento é a vergonha dos nossos irmãos e o pecado dos nossos irmãos é também o nosso pecado.

Em algumas cidades a ABU passou pôr fases de muita aceitação e o movimento moldou muitos líderes das igrejas locais, quando ele conseguiu catalisar a liderança dos jovens pela presença, força e mensagem. Mas também, quando ele deixou de dar o que as igrejas precisavam, deixou de ter a sua influência.

Deus não deu a ABU o privilégio de ser dona da universidade. Deus não está preso a ABU e não depende apenas dela para ganhar estudantes nas faculdades e Escolas Superiores. Se um dia perdermos a visão da obra, caindo na auto-suficiência, desprezando o Corpo de Cristo e negligenciando dar louvor devido ao único Senhor, seremos colocados de lado. Deus, na sua soberania, simplesmente levantará outros para dar continuidade à sua obra. Ele é soberano e faz questão de glorificar o seu nome.

Mas há histórias lindas de pastores que agradecem a Deus, em público, pelas mãos que cansaram de batizar os muitos jovens que se converteram através do movimento. Essas histórias também fazem parte da história da ABU, e nos inspiram a sermos fiéis à visão original.

Toda glória Àquele que merece...pois a história da ABU continua. Desde o Congresso Missionário de 1976, o Movimento se viu mais centro de um contexto global, com um papel a cumprir, não somente na evangelização do Brasil, mas sim, do mundo inteiro.

Há outros capítulos já vividos e outros tantos pôr vir, pela sua misericórdia.

A ALIANÇA BÍBLICA UNIVERSITÁRIA DO BRASIL

A A.B.U.B., é uma entidade interdenominacional que tem como objetivo básico a evangelização do universitário e do estudante secundarista.

Sua atuação é feita principalmente através dos próprios estudantes, através dos núcleos de estudo bíblico, dos acampamentos e congressos.

A fim de preservar sua característica essencialmente evangélica e bíblica, a A.B.U.B. adota as seguintes Bases de Fé, que são subscritas, sem reservas, pelas sua liderança, em todos os níveis:

-) A existência de um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, Um em essência e Trino em pessoa.
-) A soberania de Deus na Criação, Revelação, Redenção e Juízo Final.
-) A inspiração divina, veracidade e integridade da Bíblia, tal como revelada
-) originalmente, e sua suprema autoridade em matéria de fé e conduta.
-) A pecaminosidade universal e a culpabilidade de todos os homens, desde a queda de Adão, pondo-nos sob ira e condenação de Deus.
-) A redenção da culpa, pena, domínio e corrupção do pecado, somente pôr meio da morte expiatória do Senhor Jesus Cristo, o Filho encarnado de Deus, nosso representante e substituto.
-) A ressurreição corporal do Senhor Jesus Cristo e sua ascensão à direita de Deus Pai.
-) A missão pessoal do Espírito Santo no arrependimento, na regeneração e na santificação dos cristãos.
-) A justificação do pecador somente pela graça de Deus, pôr meio da fé em Jesus Cristo.
-) A intercessão de Jesus Cristo, como único mediador entre Deus e os homens.

-) A única Igreja, Santa e Universal, que é o Corpo de Cristo, à qual todos os cristãos verdadeiros pertencem e que na terra se manifesta nas congregações locais.
-) A certeza da segunda vinda do Senhor Jesus Cristo em corpo glorificado e a consumação do Seu reino naquela manifestação.
-) A ressurreição dos mortos, a vida eterna dos salvos e a condenação eterna dos injustos.

Estas Bases de Fé são conforme às da CIEE. — Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (International Fellowship of Evangelical Students — IFES).

¹NOTAS

- SIEMENS, Ruth “Projeto para Manual da ABUB”, 1967
- ² ESCOBAR, Samuel - La Chispa y la Llama, Buenos Aires: Ediciones Certeza 1978
- ³ ESCOBAR, Samuel, op. cit
- ⁴ ESCOBAR, Samuel, op. cit
- ⁵ SIEMENS, Ruth, op. cit
- ⁶ SIEMENS, Ruth, op. cit
- ⁷ ESCOBAR, Samuel, op. cit
- ⁸ PRADO, Caio Jr., A revolução Brasileira, 2^a. ed.
- ⁹ Estudos do Seminário de Capacitacion, Lima, 1967
- ¹⁰ SIEMENS, op. cit
- ¹¹ ESCOBAR, op. cit
- ¹² ESCOBAR, anotações de aulas nos seminários de capacitação — Lima, Peru, 1971
- ¹³ PRADO, Caio Jr. A revolução Brasileira pg. 221 - 2^a ed.
- ¹⁴ ESCOBAR, Samuel Fundamentalismo, um esclarecimento necessário. Esta é uma apostila que todos os abeuenses deveriam ler.
- ¹⁵ Relatório bimestral de trabalho - janeiro e fevereiro de 1969
- ¹⁶ PEREIRA, Djalma - história contada pessoalmente
- ¹⁷ SIEMENS, Ruth - história contada pessoalmente
- ¹⁸ Relatórios mensais - 1969 a 1970
- ¹⁹ ESCOBAR, Samuel - Fundamentalismo...
- ²⁰ LINDSEY, Hal - Satanás está vivo e ativo no planeta terra
- ²¹ Relatório de trabalho janeiro e fevereiro de 1970
- ²² Relatório de trabalho janeiro e fevereiro de 1970
- ²³ ITIOKA, Neuza - Primeiro Esboço Histórico da ABU.
- ²⁴ ESCOBAR, Samuel, La chispa...
- ²⁵ Entre-Nós, n^o 1 - 1971
- ²⁶ Relatório de trabalho bimensal janeiro e fevereiro 1972
- ²⁷ Relatório anual apresentado no Congresso da ABUB 1973
- ²⁸ Entre-Nós, n^o 2 - 1973
- ²⁹ Relatório anual apresentado no Jantar da ABUB 1975
- ³⁰ Relatório anual apresentado no Congresso Nacional da ABUB 1973
- ³¹ Relatório anual apresentado no Congresso Nacional da ABUB 1974
- ³² Relatório Semestral - segundo semestre de 1973
- ³³ Relatório Semestral - segundo semestre de 1973
- ³⁴ Relatório Semestral - segundo semestre de 1973
- ³⁵ Relatório Semestral - segundo semestre de 1973
- ³⁶ Relatório Semestral - segundo semestre de 1973
- ³⁷ Entre-Nós, n^o 2 - 1973
- ³⁸ TIOKA, Neuza, op. cit
- ³⁹ BURKI, Hans, “Psicologia do Acampamento” - apostila
- ⁴⁰ Entre-Nós, n^o 2 - 1973
- ⁴¹ Alcance, março de 1975
- ⁴² ITIOKA, Neuza op. cit
- ⁴³ Carta aos presidentes dos grupos 14 de março, de 1975
- ⁴⁴ Alcance - março de 1976